

Andréa Ferreira dos Santos Santoro

**A Questão Pedagógica A Partir do *Emílio* de
Rousseau**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Wilson John Pessoa Mendonça

**Rio de Janeiro
2010**

S237 Santoro, Andréa Ferreira dos Santos.
A Questão Pedagógica A Partir do *Emílio* de
Rousseau/Andréa Ferreira dos Santos Santoro. Rio de
Janeiro, 2010.
80 f.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de
Filosofia e Ciências Sociais, 2010.

Orientador: Wilson John Pessoa Mendonça

1. Rousseau, Jean-Jacques, 1712-1778. 2.
Educação - Filosofia. 3. Ética. I. Mendonça, Wilson
John Pessoa (Orient.). II Universidade Federal do Rio
de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais.
III. Título.

CDD: 370.1

Andréa Ferreira dos Santos Santoro

A Questão Pedagógica A Partir do *Emílio* de Rousseau

Rio de Janeiro, 31 de março de 2010.

Prof. Dr. Wilson John Pessoa Mendonça (orientador)
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – UFRJ

Prof. Dr. Reuber Gerbassi Scofano
Faculdade de Educação - UFRJ

Prof. Dr. Rafael Haddock Lobo
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – UFRJ

Agradecimentos:

Agradeço ao Professor Wilson Mendonça, meu orientador, pela paciência, atenção, dedicação, ensinamento, carinho, estímulo e apoio constantes e tempo dedicados à realização deste trabalho;

Agradeço ao Professor Rafael Haddock Lobo pela paciência, tempo e sugestões dedicados à realização, leitura e correção deste trabalho;

Agradeço ao Professor Reuber Scofano pela paciência, estímulo, apoio e tempo dedicados para a realização, leitura e observações deste trabalho;

Agradeço ao meu marido Fernando pela compreensão das minhas ausências e pelo estímulo e amor constante dado para me dar forças para continuar e finalizar o presente trabalho;

Agradeço aos meus pais, Mario e Jane, ao meu irmão Marcelo e a minha cunhada Thais pela torcida e força dadas no decorrer da realização deste trabalho;

Agradeço aos meus amigos do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, especialmente à Luciene, Georgette, Ligia e Vanessa, e também aos que não são da Universidade, especialmente a Waleska e Patrick, pelo constante questionamento, curiosidade e correção dedicados à realização deste trabalho;

Agradeço às secretarias do Programa de Pós-Graduação, Sonia e Dina, pelo excelente trabalho que fazem, por todas as “quebradas de galho” e pelo carinho constante ao longo de todos esses anos;

Finalmente, agradeço a Deus que é responsável pela minha vida e pela de todos que me cercam.

Não somos aprendizes de trabalhadores, somos aprendizes de homens, e o aprendizado deste último ofício é o mais difícil e mais longo do que o outro. (Emilio, livro III, p.272)

Resumo:

O presente trabalho trata da questão pedagógica segundo Rousseau, tendo como base a sua obra prima chamada *Emílio*, onde Rousseau apresentou o seu método pedagógico um tanto quanto moderno para sua época. O objetivo visado foi o de expor alguns argumentos pertinentes do processo educacional do indivíduo explorado na obra citada. Os métodos usados foram o expositivo e o comparativo, onde foi apresentada a visão pedagógica de Rousseau e em seguida, ela foi comparada com a visão pedagógica atual. Algumas questões também foram postas para incentivar o leitor. No que diz respeito às técnicas de abordagem, a pesquisa foi elaborada primeiramente apresentando brevemente o mestre Rousseau e o interesse nutrido para realizar tamanha pesquisa. A seguir, para situar o leitor, foi exposto o tópico central da obra de Rousseau: o homem. Os dois tipos de homem – o bom selvagem e o homem civilizado - existentes na mente de Rousseau foram abordados, examinados e concluídos como homens presentes em cada um dos seres humanos, com suas individualidades, certamente. Em seguida, o método pedagógico de Rousseau é apresentado minuciosamente, onde são examinados os seus pontos mais relevantes. Tendo sido exposto o método aplicado ao Emílio, é feita uma comparação com o método educacional brasileiro atual, onde são colocados os prós e os contras e as semelhanças e diferenças de ambos os métodos. Finalmente, uma questão entre a educação e a liberdade é lançada para que o leitor se depare consigo mesmo e reflita sobre dois temas de pensamento tão importantes e atuais: a educação e a liberdade.

Le Résumé:

Le présent travail traite de la question pédagogique selon Rousseau, en ayant comme base son œuvre nommée *Émile*, où Rousseau a présenté sa méthode pédagogique un peu moderne pour son époque. L'objectif visé a été celui d'exposer quelques arguments pertinents du processus éducatif de l'individu exploité dans l'œuvre mentionnée. Les méthodes utilisées ont été celles de l'exposition et de la comparaison, où l'avis pédagogique de Rousseau a été présenté et ensuite, on l'a comparé avec l'avis pédagogique actuel. Quelques questions ont été posées pour motiver le lecteur. En ce qui concerne les techniques d'abordage, la recherche a été élaborée d'abord pour présenter brièvement le maître Rousseau et l'intérêt nourri pour réaliser ce travail. Après, pour localiser le lecteur, a été exposé le thème central de l'œuvre de Rousseau : l'homme. Les deux types d'homme – le bon sauvage et l'homme civilisé – existants dans la tête de Rousseau ont été abordés, examinés et conclus comme des hommes présents dans chacun des êtres humains, avec leurs individualités, certainement. Puis, une présentation minutieuse est faite de sa méthode pédagogique où ont été examinés ses points les plus pertinents. En ayant été exposé la méthode destinée à *Émile*, une comparaison avec la méthode éducative brésilienne actuelle est faite où sont signalés les pour et les contre, les similitudes et les différences des toutes les deux méthodes. Finalement, une question entre l'éducation et la liberté est lancée pour que le lecteur se trouve face à soi-même et réfléchisse sur les deux thèmes de pensées si importants et actuels : l'éducation et la liberté.

Índice:

Introdução	10
Parte I	20
Capítulo 1: O bom selvagem e o homem civilizado	21
Capítulo 2: O processo de educação do bom selvagem	30
Parte II	52
Capítulo 3: Comparando a educação rousseauiana com a educação atual	53
Capítulo 4: A educação conduziria realmente o indivíduo à liberdade?	64
Conclusão	71
Bibliografia	79

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho visa explorar e expor a educação como um processo completo e íntegro. O nosso principal interesse e objeto de estudo é o processo educacional visto como um todo. Para tanto, foi preciso buscar uma inspiração e a fonte encontrada na filosofia estava presente nas obras literárias de Rousseau. Sendo mais específicos, a obra onde ele descreve detalhadamente sobre o processo educacional de crianças é o *Emílio*. Na referida obra, nosso filósofo redige minuciosamente sobre a educação. Rousseau foi um dos grandes filósofos que se preocupou com a pedagogia e o único que discursou e escreveu sobre um tratado de educação infantil dirigido aos meninos especificamente. Rousseau elaborou o seu próprio processo pedagógico no *Emílio* baseado em suas teorias filosóficas, um tanto quanto originais, utópicas e ideais para sua época. Temos que deixar claro que o tratado sobre a educação do *Emílio* foi puramente baseado em suas teorias filosóficas, Rousseau não o colocou em prática, como deveria ter sido feito. O escritor deixa a sua imaginação fluir no momento da escrita, não necessariamente aquela história é verdadeira ou existiu. Muitas vezes, o escritor está em um outro tempo, não precisa ser aquele que ele vivencia. Para Rousseau, seu método educacional desenvolvido no *Emílio* era o melhor que já poderia ter existido, como veremos ilustrado a seguir:

O que mais me faz ter confiança em meu método é que, seguindo seus efeitos o mais exatamente possível, não vejo nenhuma situação na vida de meu aluno que não me deixe alguma imagem agradável dele. No próprio momento em que os furores do temperamento o arrastam e em que, revoltado contra a mão que o detém, ele se debate e começa a me escapar, em suas agitações, em seus

arroubos, torno a encontrar sua primeira simplicidade; seu coração, tão puro quanto seu corpo, não conhece mais o disfarce do que o vício; nem as reprovações nem o desprezo o tornaram covarde; nunca o vil temor o ensinou a disfarçar-se. Tem toda a indiscrição da inocência, é ingênuo sem escrúpulos, ainda não sabe para que serve enganar. Não se passa um momento em sua alma sem que sua boca ou seus olhos o digam, e muitas vezes fico conhecendo antes dele os sentimentos que experimentam. (*Emílio*, livro IV, p. 457).

Na verdade, Rousseau não era um grande pedagogo, nem tão pouco educou ninguém, nem mesmo os próprios filhos que teve, mas suas idéias sobre a educação infantil de meninos são admiráveis e plausíveis. O *Emilio* foi uma obra muito mal interpretada no seu tempo. A sociedade e a classe dominante e pensante daquela época viam a obra como deturpadora de idéias, como uma leitura totalmente prejudicial às pessoas que tinham um privilegiado e determinado nível acadêmico. O livro levaria os indivíduos a uma reflexão e, conseqüentemente, a uma ação não muito esperada nem apreciada pela sociedade daquele tempo. Com o passar dos séculos e ainda hoje em dia, no nosso momento literário atual, o *Emilio* é visto de uma maneira bem mais positiva. Os estudiosos e pesquisadores o lêem, o exploram e o utilizam de uma forma mais clara, útil e estruturada. Ou seja, atualmente, o livro queimado e abominado de Rousseau é ainda utilizado como uma fonte de referência detalhada de um processo educacional, dirigido a meninos, grandioso e impressionante, rico em detalhes.

Rousseau não era só um filósofo, ele era considerado um sociólogo e até mesmo um psicopedagogo, tendo em vista sua enorme paixão que era o estudo do homem. Nosso homem era uma pluralidade personificada, ele era vários homens, cada qual com distintas funções sociais, em um só corpo. Podemos até afirmar que ele era mais antropólogo do que qualquer

outra profissão da área das ciências humanas. Nosso autor era um enamorado pelo ser humano, ele o considerava como um ser pleno de corpo, alma, coração e capacidade para julgar. Ele via o homem como um ser de carne e osso, com vontades e desejos. Porém o coração humano e as emoções eram de vital importância na sua vida e sempre estavam presentes nos seus escritos e pensamentos.

Alguns críticos e comentaristas recriminam Rousseau e suas obras chamando a atenção para seu caráter difícil. Como uma pessoa impulsiva, de convivência insuportável e temperamento extremamente complicado poderia ser capaz de divagar e escrever milhares de páginas sobre as emoções, o amor e os sentimentos? Ele foi um homem que era incapaz de dar e de receber amor, não conseguia conviver com ninguém, pois ele brigava com todos os seus amigos e sempre se afastava das mulheres com as quais tivera um relacionamento amoroso. Durante toda a sua existência não foi capaz de educar ninguém, nem os quatro filhos que teve, frutos de uma relação amorosa, abandonou a todos, inclusive a amada mãe de seus filhos. Rousseau achava a sua própria atitude repugnante. Acreditamos que ele passou quase a sua vida toda culpando-se de ter realizado tal feito, pois ele acreditava que não existia um ato tão covarde quanto o do abandono dos filhos que fez com tanto amor, como veremos ilustrado em um trecho dos seus escritos a seguir:

Um pai quando gera e sustenta filhos, só realiza com isso um terço de sua tarefa. Ele deve homens à sua espécie, deve à sociedade homens sociáveis, deve cidadãos ao Estado. Todo homem que pode pagar essa dívida tríplice e não a paga é culpado, e talvez ainda mais culpado quando só a paga pela metade. Quem não pode cumprir os deveres de pai não tem direito de tornar-se pai. Não há pobreza, trabalhos nem respeito humano que o dispensem de sustentar seus filhos e de educá-los ele próprio. Leitores, podeis acreditar no

que digo. Para quem quer que tenha entranhas e desdenhe tão santos deveres, prevejo que por muito tempo derramará por sua culpa lágrimas amargas, e jamais se consolará disso. (*Emílio*, livro I, p.27)

Pensamos que a inspiração que ele teve ao escrever o *Emílio* foi a de mostrar ao mundo o seu arrependimento por ter abandonado os filhos, os quais foram concebidos com o bendito amor que ele tanto pregava. Rousseau viveu muito tempo escondido, isolado, sozinho e abandonado escrevendo suas obras, onde era sincero ao expor todo o amor que era incapaz de demonstrar. Ele foi capaz de escrever tratados brilhantes e livros de amor e poesia, mas não conseguiu transmitir todos os bons sentimentos para ninguém ao longo de sua vida. Rousseau foi um ser bem ambíguo, fato que ele retratava muito bem nas suas obras, pois sempre escrevia dando dois pontos de vista e nunca mostrava o seu nem a sua decisão.

Porém, o que importa no nosso trabalho é a obra escrita e não o temperamento de quem a escreveu. Temos que admitir que apesar de sua vida íntima não ter sido tão louvável assim, profissionalmente somos obrigados a nos render aos seus escritos surpreendentes e geniais. Claro que ele tinha algumas idéias utópicas, mas tal aspecto faz parte do pensamento de todos os grandes pensadores e escritores, tanto os antigos como os atuais. Rousseau foi um ser humano como todos nós, de carne e osso, e também teve seus momentos delicados ao longo de sua existência. Ele teve uma vida amorosa bastante conturbada, mas quem não teve uma vida amorosa com algumas ou muitas aventuras? E infelizmente, foi um pai abominável que abandonou os quatro filhos, frutos de uma relação amorosa, e nunca teve nenhum contato com nenhum deles ao longo de toda a sua vida. Ele os ignorou totalmente, infelizmente. Entretanto, escreveu um tratado de educação infantil direcionado a meninos exemplar e admirável para compensar seu mal feito em relação aos filhos. De uma forma geral, todos os seres humanos pensantes nunca têm uma existência perfeita e é importante admitir erros,

afinal somos humanos. Geralmente, os gênios são as pessoas de temperamento mais difícil para se conviver, pois eles sempre vêm além dos outros mortais racionais. Eles vêm além do seu tempo e rapidamente, eles acreditam que os outros também raciocinam na mesma velocidade, o que não é verdade, pois cada um tem seu tempo. A lentidão dos outros é um fato que irrita os gênios e faz com que a convivência com esses seja um tanto quanto conturbada. Lentos ou rápidos, não somos perfeitos e sim humanos. A perfeição só está presente em Deus, que não é humano. Rousseau nutria um enorme respeito por Deus. Veremos a seguir um trecho, dentre os vários, onde ele redige sobre Deus:

Deus é inteligente, mas de que modo o é? O homem é inteligente quando raciocina, e a suprema inteligência não precisa raciocinar; não usa de premissas nem de conseqüências, nem mesmo de proposições; é puramente intuitiva, vê de igual modo tudo o que é e tudo o que se pode ser; todas as verdades são para ela uma única idéia, como todos os lugares são um só ponto e todos os tempos um só momento. A potência humana age através de meios, a potência divina age por si mesma. Deus pode porque quer; sua vontade faz o seu poder. Deus é bom, nada é mais evidente; mas a bondade no homem é o amor de seus semelhantes, a bondade de Deus é o amor da ordem, pois é pela ordem que ele conserva o que existe e liga cada parte com o todo. Deus é justo, estou convencido disso; trata-se de uma conseqüência da sua bondade; a injustiça dos homens é obra deles, e não de Deus; a desordem moral, que depõe contra a providência aos olhos dos filósofos, aos meus só consegue demonstrá-la. Mas a justiça do homem é dar a cada um o que lhe pertence, e a justiça de Deus é pedir que cada um preste contas do que lhe foi dado. (*Emílio*, livro IV, p. 403-404)

Ainda falando sobre características dos seres humanos de uma forma geral, há as pessoas que levam uma vida mais digna, há os que não a tem tão digna assim e também há os do meio termo, nem tão digna, porém nem não indigna. O mais grandioso da história da humanidade é admitir os erros e tratar de redimi-los, tão logo seja possível. Alguns reconhecem os seus próprios erros e outros não, porém todos vivem, cada um a sua maneira. O ser humano é diferente e cada pessoa é única. Deixemos essa história de comportamentos e genialidades para os psicólogos, terapeutas, psicanalistas e analistas estudarem. Nosso objeto de estudo é a questão pedagógica tratada por Rousseau a partir do *Emílio*.

Contudo, apesar de seu comportamento íntimo ter sido avassalador, Rousseau obteve a glória e o êxito na sua vida profissional. Como aquele homem que concebia idéias encantadoras, poderia ser o mesmo ser humano deplorável em seu convívio cotidiano? Será que ele estava tentando se redimir através de seus escritos? Nosso papel no presente trabalho não é de psicólogo, nem estamos aqui para analisar nem julgar o homem Rousseau, mas sim para nos deliciar com suas obras e aproveitar o máximo dessa genialidade intelectual de sua época. O nosso papel aqui é refletir e tirar o máximo de proveito de sua intelectualidade. O que Rousseau foi não cabe a nós julgar, porém o que ele produziu nos é de importância vital a ser estudado e discutido.

O nosso encantamento pelo grande mestre Rousseau foi despertado há vários anos atrás, quando nos deparamos com uma velha frase sua, onde ele tratava da liberdade do homem quando ele sai das mãos de Deus e do acorrentamento do mesmo homem quando ele passa e viver em sociedade. Sempre o mesmo objeto de estudo rousseauiano: o homem! A nossa curiosidade foi imediatamente despertada! Quem era aquele homem que escreveu tal frase tão profunda? Sobre o que ele escrevia? Qual era sua linha de pensamento? Quais obras tinha escrito? Desde então, nunca havíamos sido apresentados a Rousseau. A partir desse

momento, nos foi possível conhecer um pouco da sua vida e obra, visitamos a sua estátua na Île Rousseau no meio do lago Léman em Genebra, na Suíça e também nos perdemos na imensidão das suas obras tão preciosas arquivadas na biblioteca da Universidade de Genebra, na Suíça. Nesse momento, começava um longo caminho através da leitura de suas obras filosóficas. Algumas nos interessaram mais, outras nem tanto. Cada obra tinha um assunto diferente e diversos aspectos a estudar. Pensamos nos vários aspectos tratados por Rousseau e escolhemos alguns para estudar. O primeiro que foi levado em consideração foi o sistema político de Rousseau. Ele tratou desse tema no *Contrato Social*, em algumas obras pouco conhecidas e também nos dois discursos escritos por ele. Porém, quando começamos a ler o *Emílio*, foi paixão a primeira vista e ficou decidido que o tema que iríamos estudar seria o processo de educação tratado no *Emílio*. Aqui estamos. Entretanto, devemos reafirmar que em todas as obras rousseunianas, era nítido o tratamento diferenciado que Rousseau dava ao seu valioso objeto de estudo: o grande homem!

Voltando a nossa introdução da pesquisa, vamos tentar resumir nossos objetivos. Como já dissemos, nosso trabalho visa esclarecer especificamente a educação infantil de meninos tratada no *Emílio*. Rousseau tinha uma visão bem moderna da forma de educar para o seu tempo, assim como não podemos deixar de citar também Olympe de Gouges, uma francesa provocadora da época similar a Rousseau que escreveu o panfleto Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã em 1791. A referida obra era uma espécie de Contrato Social Feminino, onde ela conclama as mulheres à ação “Ó mulheres! Mulheres, quando deixareis vós de ser cegas?”. Rousseau publicou o *Emílio* em 1762 e Olympe lançou a sua Declaração em 1791, dois anos após a publicação da Declaração dos direitos do homem e do Cidadão. Olympe tinha como objetivo incitar a sociedade da sua época chamando atenção das mulheres para a desigualdade sexual que imperava naquele tempo. Rousseau escrevia para o lado masculino da população e Olympe para o feminino, o que gerou a incompreensão das pessoas

da época na qual eles viveram. Como castigo por aterrorizar a pacata população daquele tempo, o *Emílio* foi queimado e Rousseau condenado a prisão, mas ele conseguiu fugir e escapar à condenação imposta. Entretanto, Olympe não teve a mesma sorte de Rousseau, foi condenada a morte e teve que subir ao cadafalso para cumprir o seu julgamento.¹

O *Emílio* foi a obra que nos detemos mais profundamente na nossa pesquisa. Fazemos referência a algumas outras obras do nosso autor e também usamos alguns comentadores, mas a pesquisa teve como base exclusiva a visão pedagógica de Rousseau, ilustrada no *Emílio*.

Primeiramente, nosso trabalho foi dividido em duas partes: a primeira onde tratamos unicamente de Rousseau, de seus conceitos de homem e da educação infantil de meninos baseada no *Emílio*; e a segunda parte que é mais voltada a nossa vida contemporânea onde procuramos aproximar os conceitos aprendidos com Rousseau com a questão do ensino nos nossos dias. Feita a divisão do trabalho em duas partes, o subdividimos em quatro capítulos, os dois primeiros correspondem à primeira parte e os dois últimos correspondem à segunda parte. Explicamos cada capítulo separadamente como veremos a seguir:

1. No primeiro capítulo, introduzimos os conceitos de homem selvagem e homem civilizado. O homem selvagem era o homem bom que vivia no campo e era inocente e ingênuo. Enquanto que o homem civilizado era o ser mau que vivia na cidade e era dissimulado e manipulador. Também introduzimos os conceitos de amor de si mesmo

¹ Para informações mais precisas sobre esse debate da época, ver as seguintes obras: SLEDZIEWSKI, Élisabeth G. “Revolução Francesa. A viragem”. IN: PERROT, Michele e DUBY, George (orgs.). *História das Mulheres no Ocidente*, Vol. 4. Porto: Edições Afrontamento, 1991; HOBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções*. 19ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005; PERROT, Michelle. “Mulheres”. IN: PERROT, Michele (org.). *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988; PERROT, Michele (org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

e amor-próprio que fazem parte das histórias do homem selvagem e homem civilizado. Tais conceitos são básicos na obra rousseauiana e também são de suma importância para que o leitor passe a compreender um pouco o pensamento de nosso filósofo. Em todas as suas obras, Rousseau fala do homem, pelo qual ele nutria muita admiração e respeito.

2. No segundo capítulo, tratamos do processo de educação do bom selvagem, onde explicitamos o tratado emiliano de educação. O homem selvagem passa por um processo educativo para poder viver em sociedade. Nele, detalhamos o processo educacional que foi redigido por Rousseau no *Emílio*. Colocamos os vários aspectos utilizados para educar o Emílio, tentamos expor os que achamos mais pertinentes para debate e estudo.
3. No terceiro capítulo, fazemos uma comparação entre o processo educacional apresentado por Rousseau no *Emilio* e o nosso processo educacional atual. Nele, apresentamos os prós e os contras de ambos os processos, comentamos sobre as semelhanças e diferenças entre eles e os comparamos. Esse capítulo é bem contemporâneo e nos leva à reflexão do nosso momento atual da educação brasileira. Há aspectos bem pertinentes e que nos insulsa a uma grande discussão com os educadores, pedagogos e todas as pessoas que fazem parte do processo educacional atual do nosso país.
4. No quarto capítulo, colocamos uma questão ao leitor, onde devemos refletir sobre as questões de liberdade e de educação. Propomos as idéias de liberdade na educação e também a da liberdade obtida através da educação. Tais idéias são viáveis? Educamos livremente ou só quando obtemos a educação somos seres livres? Muitas questões são levantadas no quarto capítulo, pois ambos os assuntos – educação e liberdade – são temas polêmicos e que levam a debate. Nesse capítulo também expomos as idéias de

Rousseau em relação a liberdade e voltamos ao tema da educação decifrado no segundo capítulo. Tanto a educação como a liberdade tiveram papéis de destaque nas obras de Rousseau. Porém no referido capítulo, colocamos os aspectos defendidos por Rousseau em relação aos dois temas e levantamos algumas questões para levar à reflexão do nosso momento atual.

O capítulo da conclusão foi o mais difícil a ser elaborado, pois assim como a vida, a filosofia também é de difícil conclusão. Na vida, podemos optar por inúmeros caminhos a seguir, inúmeras decisões a tomar, o que torna delicado a escolha por um só caminho ou uma só decisão. Por outro lado, na filosofia, encontramos um percurso similar ao da vida, pois nela há várias correntes filosóficas, vários modos de pensar, várias opiniões, onde é difícil eleger a corrente única a seguir. Claro que assim como na vida na filosofia também somos obrigados a tomar uma decisão e a nos render a determinado pensamento, que nos identificamos mais. Porém, ambas as escolhas são difíceis, mas as tomamos para que possamos chegar a uma conclusão. Tentamos fazer algo pertinente e que deixe alguns incômodos nas mentes das pessoas que lerem o trabalho. Gostaríamos de deixar incômodos para o leitor, pois só o ser incomodado vai procurar mais conhecimentos e possíveis respostas. Se deixássemos idéias confortáveis, o leitor não procuraria nada, afinal estaria se sentindo bem. Só o incômodo faz com que o ser humano mude ou procure informações novas. O conforto nos leva a acomodação e o papel da filosofia é justamente o contrário. A filosofia é provocativa e nos leva a procurar, saber, estudar e buscar sempre mais informações.

PARTE I

CAPÍTULO 1: O BOM SELVAGEM E O HOMEM CIVILIZADO

Começamos a primeira parte de nosso trabalho onde abordaremos a questão pedagógica do ensino aos meninos tratada no *Emílio*. No presente capítulo e no próximo, trataremos exclusivamente de Rousseau. Explicaremos a questão do bom selvagem e do homem civilizado neste capítulo e no seguinte, ilustraremos a educação exclusiva de Emílio por Rousseau.

Nosso filósofo aborda o tema do “Bom Selvagem” em quase toda a sua obra literária. Em algumas de suas incursões filosóficas, ele chega até mesmo a considerar os orangotangos como “homens selvagens”, como por exemplo, no *Discurso sobre a origem da desigualdade*:

De modo algum se encontram nessas passagens os motivos nos quais os autores (da *Histoire Générale des Voyages*) se fundamentam para recusar a esses animais o nome de homens selvagens, mas é fácil imaginar dever-se isso à sua estupidez e, também, a não falarem; são razões fracas para aqueles que sabem que, apesar de o órgão da palavra ser natural ao homem, a palavra em si, todavia, não lhe é natural. (p.304)

Segundo Rousseau, a fala é um sinal de destruição, de algo não-natural. Quando o homem começou o processo oral, ele falava de amor. Nesse caso, o bom selvagem se expressava com seu coração utilizando as palavras. Ao longo do tempo, as palavras criaram uma forma literária. Entretanto, hoje o ser humano usa o discurso oral para obter mais poder e dinheiro, o que é totalmente dispensável em uma vida natural, embora, imprescindível em uma vida social. Podemos dizer, então, que a palavra pode ser considerada como algo não-

natural, já que a sua utilização é maléfica e degenerativa ao homem. O homem civilizado usa as palavras como principal via de comunicação. Entretanto, o homem selvagem se comunica de uma maneira mais lúdica, com poucas palavras e mais expressão de sentimentos.

No que diz respeito ao assunto da fala, Rousseau fez um ensaio sobre a filosofia da linguagem, que se chama *O Ensaio sobre a origem das línguas*. Na referida obra, ele aborda idéias admiravelmente originais e claras, tais como a distinção entre sensações e juízos. Porém, esses conceitos não serão abordados no presente trabalho.

Voltando ao nosso tema do capítulo: o homem selvagem é governado por seus desejos e sensações imediatos. Ele segue seus instintos e vive com a natureza. Rousseau considera o homem selvagem em seu estado natural, que não deve sofrer nenhum tipo de mudança para conservar-se. A idéia da natureza está presente constantemente no pensamento de Rousseau, assim como na educação do homem selvagem, como veremos no seguinte trecho:

Trabalhamos de concerto com a natureza, e enquanto ela forma o homem físico nós procuramos formar o homem moral, mas nossos progressos não são os mesmos. O corpo já está robusto e forte enquanto a alma ainda está inerte e fraca e, faça a arte humana o que for, o temperamento sempre precede a razão. Concentramos até aqui todas as nossas atenções em reter um e exercitar a outra, para que o homem seja sempre uno, o mais possível. Desenvolvendo o caráter, despistamos sua sensibilidade nascente, ordenamo-lo cultivando-lhe a razão. Os objetos intelectuais moderavam a impressão dos objetos sensíveis. Remontando ao princípio das coisas, subtraímo-lo ao império dos sentidos; era simples elevar-se do estudo da natureza à busca de seu autor. (*Emílio*, livro IV, p.450)

Entretanto, mesmo sendo um naturalista, como Rousseau era considerado, ele sabia que tal criatura não era inteiramente humana. Aquele ser pacífico e de vida simplória não tinha as capacidades nem as potencialidades humanas desenvolvidas para viver em uma sociedade. Rousseau tinha evidente clareza que aquele selvagem não teria o estado ideal do homem moderno, era algo inconcebível um ser natural vivendo em sociedade. Ele era ingênuo e bom demais para viver em uma sociedade. Porém, Rousseau acreditava que na verdade era possível viver em sociedade, mesmo permanecendo fiel à natureza humana. Mas como isso seria possível? Há uma ambigüidade aí, mas vamos tentar explicá-la: Rousseau educa Emilio para que este seja capaz de viver em sociedade e por outro lado, educa Sofia para que esta possa viver com Emilio sendo sua boa esposa. Contudo, Rousseau era um especialista na educação dos meninos, ou mais especificamente, na educação infantil dos meninos. Na verdade, Emilio é um selvagem que está sendo preparado para viver em sociedade. Porém, Emilio não será um homem civilizado por completo, ele não será como os outros. Mas devido à educação recebida, ele estará apto a viver e conviver com os outros homens civilizados da sociedade na qual viverá. Veremos mais sobre a educação de Emilio no capítulo seguinte.

O bom selvagem expressa o amor de si mesmo, que é um sentimento natural, onde o ser humano procura cuidar de sua própria preservação e esbanja humanidade e virtude. O homem quer viver em harmonia consigo e com os outros. Devido a tal concepção, podemos concluir que quando o homem dá o amor de si mesmo, ele está sendo naturalmente bom. Tiramos algumas conclusões a partir da concepção do amor de si mesmo:

1. É certo e sadio acreditar que os seres humanos lutem para e pela sua existência, por isso eles devem se amar. Só amando muito, eles serão capazes de lutar. O amor é muito maior que a luta e por isso, seguirão lutando para conseguir seus objetivos.

2. Tal amor conduz o ser humano a uma disposição natural, boa e benigna. O amor é o sentimento mais natural e puro que existe entre os seres humanos. Devemos amar a si mesmo primeiro para depois amar o outro.
3. Esse sentimento dirige o ser humano a uma conduta boa e benéfica. O amor nos leva a agir sempre levando em consideração o bem estar de si e do outro.

Podemos, então, afirmar que o amor de si mesmo é o oposto do amor-próprio. Este é outro conceito importante no pensamento de Rousseau, ele é o sentimento que domina o homem civilizado. Enquanto o bom selvagem nutre o amor de si mesmo, o homem civilizado nutre o amor-próprio.

O amor-próprio é aquele sentimento de superioridade, de vaidade que um ser humano nutre quando convive com outro. Ou seja, na vida em sociedade, sempre há a relação entre pessoas, dentre elas a relação de superior e submisso e de dominante e dominado. As relações de hierarquia dominam a vida dos homens em sociedade. Quando o homem convive com outros e estabelece uma vida em sociedade, ele passa a nutrir o amor-próprio.

O amor de si mesmo, que só considera a nós mesmos, fica contente quando nossas verdadeiras necessidades são satisfeitas. Enquanto que o amor-próprio, que é um sentimento que sempre se compara aos outros, nunca fica contente. Este último sempre está preferido aos outros e também exige que os outros prefiram a ele, o que é evidentemente impossível. Visto isso, podemos dizer que somente as paixões doces e afetuosas nascem do amor de si mesmo. Por outro lado, as paixões odiosas e irascíveis nascem do amor-próprio. Os bons sentimentos são originados no amor de si mesmo, enquanto que os maus sentimentos são oriundos do amor-próprio.

Dando um grande salto de conceitos, Rousseau propõe no *Contrato Social* uma forma de sociedade humana que pode ser criativa, benéfica e engrandecedora para todos os

envolvidos nela. Mas, como poderia tal sociedade ser criada? Contudo, primeiramente, vamos ampliar nossos conceitos primordiais de Rousseau antes de chegarmos à tal ponto.

Pensemos de imediato na seguinte citação: A natureza fez o homem bom e feliz, mas a sociedade o deprava e o faz com que ele se torne miserável (p. 13). Esta é uma frase bem famosa e discutida do pensamento de Rousseau. Ela está presente no seu livro *Rousseau juge de Jean-Jacques*, onde nosso autor expressa claramente seu pensamento em relação ao homem: o qual ele declara bom por natureza. O homem natural é bom por si mesmo, mas quando passa a conviver em sociedade, ele se transforma em uma criatura deplorável. Segundo Rousseau, o que torna o homem essencialmente bom é ter poucas necessidades e pouco se comparar com os outros. Enquanto que o que o torna essencialmente mau é ter muitas necessidades e dar muita atenção à opinião alheia. O homem é bom e feliz vivendo livremente no campo, porém quando passa a viver em sociedade, ele se torna miserável. Há dois tipos de vida a considerar: a do campo e a da cidade.

A natureza possui um papel grandioso no pensamento rousseauiano. Rousseau foi considerado um pensador naturalista de sua época, pois ele usava muito os termos associados a natureza em seus escritos, tais como:

1. “O homem é naturalmente bom”. Deus o concebeu bom, natural e puro. Ele é uma criatura divina. Só uma criatura divina poderia possuir tais predicados.
2. “O estado de natureza”, que é considerado o estado ideal para passar toda uma vida e é como o bom selvagem vive. Quando vivemos na natureza, somos livres e vivemos mais felizes. Amamos a natureza e convivemos muito bem com ela.
3. “O campo”, que é o local mais adequado para viver e receber a educação proposta por Rousseau no *Emílio*. Veremos as especificações da vida levada no campo no capítulo seguinte.

4. “A educação natural” é conceituada como a mais adequada e onde o indivíduo tem todas as chances de progredir de forma plena e satisfatória nos seus estudos. Tal educação só poderia ser aplicada ao indivíduo que vive livremente no campo, em total estado de natureza.

Rousseau concebe o homem natural como aquele ser de caráter límpido e intacto. Logo, podemos entender porque o “bom selvagem” do nosso autor é o homem primitivo e original. Ele é o ser que nasceu com todos os melhores atributos positivos que nenhum outro poderia nascer. Ou seja, ele é naturalmente bom, pacífico, inocente, sereno, saudável, benigno etc. O bom selvagem é o ser que possui todos os atributos positivos e bons que um ser pode possuir. Todavia, ainda nutre o amor de si mesmo como um sentimento essencialmente natural que leva todo e qualquer animal a cuidar de sua própria preservação e a buscar a harmonia com o todo.

O homem natural não possui vícios nem virtudes, pois em seu estado selvagem, ele não é virtuoso nem tampouco mau. Ele desconhece totalmente tais conceitos. O homem selvagem está com a mente ocupada por outras prioridades, que são suas necessidades pessoais. O que importa para o bom selvagem é satisfazer suas necessidades pessoais - tais como, comer, dormir, fazer necessidades fisiológicas, amar e cuidar de si mesmo e de todos e tudo em sua volta. Essas são as grandes preocupações do homem selvagem.

No que diz respeito ao trabalho, o bom selvagem é bem parecido com o artesão, que é aquele ser que faz trabalhos manuais e é totalmente livre. O artesão só depende do seu trabalho para ser feliz. Tal atividade é absolutamente honesta e útil e por isso a mais nobre atividade que o homem exerce.

Entretanto, como Rousseau pôde afirmar que a sociedade corrompe o homem bom de tal maneira a torná-lo mau? Será que esse homem tão inocente e primitivo não possuía uma

natureza essencialmente pura e boa como foi afirmado por Rousseau? Ou será ainda que a sociedade teve um poder de influência tão forte sobre esse homem indefeso que foi capaz de transmutar tanto a sua própria natureza?

Faremos uma analogia para exemplificar e resumir o pensamento do “bom selvagem / homem civilizado” de Rousseau. Vamos imaginar que esse ser natural e selvagem é como uma criança. Pensemos melhor: o bom selvagem é uma criança inocente e ingênua. Rousseau afirma que foi a natureza que concebeu o homem e como foi dito anteriormente, o homem é uma criação divina e natural. Continuando, Deus criou o homem bom e feliz para viver harmoniosamente com a natureza que o cerca. Logo, como tal criação divina transformou-se num produto corrompido pela sociedade? O homem natural, criação de Deus todo poderoso, sofreu influências tão exacerbadas do mundo externo que o transformaram num homem civilizado, degenerado e mau? Refletindo um pouco, poderemos chegar à conclusão que o homem só era bom e puro enquanto vivia de acordo com as regras da natureza. Logo depois que ele passou a conviver em sociedade, ocorreram mutações gigantes em seu íntimo que o transformaram em um homem civilizado, que tem todos os defeitos imagináveis. Tais como: artificial, corrupto, maligno, dissimulado e que nutre o amor-próprio como um sentimento exagerado. Podemos conceber o conceito de amor-próprio como sendo similar ao sentimento de vaidade e orgulho, onde o ser humano se satisfaz sendo superior e dominador. Rousseau designa o homem degenerado como aquele ser puro e bom que sofreu más influências externas. Devido a tais influências, ele foi corrompido pela sociedade e se tornou mau e egoísta. No pensamento rousseauiano, a maldade é antinatural e no momento que o homem se torna mau, ele deixa de ser puro e natural.

A seguir, vamos dar outros exemplos usando uns conceitos opostos para compor as idéias dos homens natural/selvagem e civilizado/degenerado:

1. O homem selvagem trabalha bastante, porém não pensa tanto quanto deveria. Enquanto que o homem civilizado pensa mais do que trabalha.
2. O conceito de felicidade para o homem natural é tão simples quanto sua vida o é. Ou seja, a felicidade consiste na sua saúde, na sua liberdade, na sua necessidade e no não-sofrer. Enquanto que o conceito de felicidade para o homem civilizado consiste em uma complexidade de fatores e, sobretudo no poder que ele tem.

Em seus últimos escritos, alguns comentadores crêm que Rousseau revela que *O Contrato Social* coloca em questão o amor-próprio. E, sobretudo, reforça e amplia sua influência na vida do ser humano. Mas, esse é um assunto para ser tratado em uma outra pesquisa. Contudo, ele nos dá a esperança de haver um homem ideal e verdadeiro. Rousseau nos incita a pensar em duas hipóteses para a construção de tal homem:

1. Deveríamos polir o bom selvagem através da boa educação do *Emílio*, transformando-o em um homem natural que vive em sociedade. Logo, o selvagem não é o homem ideal...
2. Deveríamos corrigir o homem degenerado através do contrato social, transformando-o em cidadão. Mas, esse também não seria o homem ideal.

Poderíamos assegurar que Rousseau constata a partir das idéias expostas que o homem ideal e verdadeiro é uma mescla do bom selvagem com o homem degenerado. O homem ideal seria a justa-medida entre o homem selvagem e o homem civilizado. Seria ele real? Ainda seria possível afirmar que para a construção de tal homem seria necessário que se faça uma busca interna, dentro de si mesmo. Rousseau, como bom escritor romântico, acreditava que o

homem ideal, natural e verdadeiro estava adormecido dentro de cada um de nós e cabe a nós mesmos acordá-lo.

Tendo em vista as idéias expostas até aqui, podemos concluir que os dois homens existem somente na imaginação fértil de Rousseau. Na vida real, não há exclusivamente bons selvagens nem homens degenerados. Acreditamos que há variações entre os dois, mas nada nem como um nem como o outro puramente. Rousseau criou dois personagens tão diferentes e fez com que os leitores se dividam e tendam a torcer mais por um e nada pelo outro.

Nosso filósofo foi um homem ambíguo, ao longo dos seus sessenta e seis anos de vida. Ele escrevia com o coração, porém agia com a razão. Ele era doce e sereno nos escritos, enquanto que na vida real, ele era amargo e impaciente. Rousseau sempre trabalhava com conceitos opostos. Isso o fascinava. Ele sempre escreveu usando pelo menos dois lados, dois opostos. Assim ficava mais fácil para argumentar e para criar polêmica. Nosso mestre buscava levar uma vida simples e natural, o que contrariava suas idéias complexas e fora do padrão de sua época. Na realidade, Rousseau era o bom selvagem vivendo em uma sociedade. Ele era a real oposição personificada e podemos afirmar, visto seus escritos e tendo estudado seu comportamento segundo comentadores, que os dois homens residiam nele. Só uma figura ilustre como ele poderia encarnar dois tipos de homem tão diferentes.

Como início do nosso trabalho, nesse primeiro capítulo, tentamos situar o leitor no universo rousseuniano e expor as idéias principais dos homens selvagem e civilizado segundo Rousseau. Concluimos com a seguinte citação:

O homem e o cidadão, qualquer que seja ele, não tem outro bem para colocar na sociedade a não ser ele próprio, todos os outros bens estão ali mesmo contra a sua vontade. (*Emílio*, livro III, p. 261)

CAPÍTULO 2: O PROCESSO DE EDUCAÇÃO DO BOM SELVAGEM

Principalmente no livro I do *Emílio*, Rousseau concebe seu processo de educação detalhadamente. Ele tem como objetivo formar o homem emiliano, ou seja, formar um ser livre e capaz de se defender contra todos os constrangimentos que a sua existência possa vir a enfrentar. Porém, para tal é necessário respeitar a liberdade individual de cada um. Essa é uma questão dos nossos dias. Atualmente, o homem ainda luta pelo reconhecimento de sua liberdade individual e social. Qual seria, então, o melhor caminho a seguir para obter tal êxito? Poderíamos pensar em um processo educativo?

Em sua obra, Rousseau distingue o homem do cidadão:

O homem natural é tudo para si mesmo; é a unidade numérica, o inteiro absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante. O homem civil é apenas uma unidade fracionária que se liga ao denominador, e cujo valor está em sua relação com o todo, que é o corpo social. (*Emílio*, livro I, p.11)

O homem é um ser natural, um todo completo, bom e puro e que vive em liberdade individual e social. Ele sempre se relaciona com os outros para obter um bem estar individual e geral. Enquanto que o cidadão é artificial, uma parte de um todo, ruim e malicioso. O cidadão vive preso ao meio social no qual está inserido e suas relações com os outros são sempre programadas e interessadas em tirar proveito de qualquer situação. O homem natural perde toda sua essência para se tornar um cidadão. Ele deixa de ser uno para ser mais um na sociedade onde vive. O homem natural deixa de ser livre e senhor de si para se tornar preso a

sua sociedade. Ou seja, ele perde sua liberdade individual para se tornar um “escravo” da sociedade na qual está inserido. O homem é um ser naturalmente bom e puro enquanto que o cidadão é “naturalmente” mau e egoísta. Seria possível ser homem e cidadão ao mesmo tempo? Seria viável conceber uma educação adequada ao homem e ao cidadão?

Segundo Rousseau, uma resposta afirmativa a essa pergunta é pouco provável. Entretanto, a partir dessa oposição, ele esboça dois tipos de educação: a pública e comum, e a particular e doméstica. No que diz respeito à educação pública e comum, ela não tem subsídios para existir devido à decadência da instituição pública. O ser humano não poderia receber nenhuma educação de qualidade devido ao péssimo estado das escolas e colégios públicos. Ao invés de educar, o ser humano acabaria deseducado, pois ele teria de estar em locais deploráveis de ensino. Nosso autor distingue a educação particular da doméstica e no que se refere à educação particular, Rousseau é lacônico. Ele não a considera, pois tal educação tem fins contrários. De acordo com o pensamento de Rousseau, não é possível formar homem e cidadão ao mesmo tempo, pois ou se educam homens ou se educam cidadãos. A educação uníssona entre homens e cidadãos não seria concebível, por isso a descartamos. O que nos resta é a educação doméstica ou da natureza que visa educar o homem para si mesmo, para a vida humana, para viver, ser e agir como um homem raro, que tenha a sua liberdade individual preservada e conquistada. Afinal, o que está em jogo aqui é a educação do homem, não do cidadão.

Podemos ilustrar um pouco o pensamento de Rousseau usando o seguinte exemplo: em algumas sociedades, os filhos são educados para ocupar a posição de seus pais visando ter um lugar garantido no futuro dessas sociedades. Porém na visão utópica de nosso autor, a vocação dos pais não é relevante e nem o mais estimado para seus filhos, já que viver é o ofício mais importante a ser ensinado. Não importa o que esse ser se tornará no futuro profissional ou social, o fato relevante é que ele será homem. A questão primordial para

Rousseau é ser capaz de ser homem, puro e simplesmente. O homem capaz suportará os bens e os males no decorrer de sua existência. Ele sentirá todas as emoções possíveis, pensará e agirá utilizando todo o seu corpo humano. Para tanto, precisamos de um preceptor que nos oriente desde o primeiro minuto de vida até a idade que possamos caminhar sozinhos, que nos ensine a suportar todos os males da existência. Em sua teoria de educação, no que concerne esse tal guia ou preceptor, Rousseau apenas supõe as qualidades que ele possa ter, ele não as afirma. Dentre tais qualidades, também podemos citar algumas escolhas feitas pelo preceptor para o início de seu processo educacional, como a seguir:

1. A idade do preceptor: ele gostaria que o sábio fosse tão jovem quanto pudesse ser para compartilhar plenamente de todos os momentos vividos desse ser guiado e assim adquirir sua total confiança.
2. A exclusividade e a duração do processo educativo: esse ofício de preceptor seria dedicado a somente uma única pessoa ao longo dos vinte e cinco anos da vida do homem a partir de seu nascimento. Por isso deve-se escolher criteriosamente esse orientador sábio.
3. A alma do orientando: o preceptor também escolheria seu orientando, que deveria ser uma pessoa de alma comum, pois assim ele seria uma pessoa mais apta a receber seus ensinamentos.
4. O local onde se passaria o processo educativo: a região onde aconteceria a educação também seria levada em conta, Rousseau preferiria um país cuja região fosse temperada, já que em regiões de grandes variações climáticas, a organização cerebral é menos perfeita devido às variações extremas de temperatura.
5. A condição social do educando: ela seria escolhida da seguinte forma, Rousseau supõe que um pobre teria uma condição humana capaz de sobreviver bem em todos os

aspectos. Ele seria capaz de tornar-se homem por si mesmo, já que está acostumado a sobreviver sem possuir muitos subsídios, logo não lhe seria muito útil um preceptor. No entanto, um rico precisaria de um preceptor, pois este recebe uma educação menos conveniente. O rico desconhece as dificuldades da vida, pois ele sempre tem uma legião de empregados prontos a lhe servir. Quando se educa um rico, estar-se-ia educando um homem a mais, levando em conta o elevado número de pobres existentes no mundo. Assim, poderíamos concordar com nosso autor que ao educar um rico, faríamos a diferença.

6. A situação familiar do educando: tal ser rico deveria ser órfão para que o preceptor herdasse plenos poderes em relação a ele.
7. A relação educando e preceptor: eles deveriam ser inseparáveis até o momento que chegasse a hora do homem seguir sua vida por seus próprios caminhos aplicando tudo que lhe foi ensinado. Ao final de sua obra, o preceptor obteria uma velhice digna, fruto do bom trabalho feito junto ao educando.

Além de tudo que foi citado, Rousseau ainda suporia que o homem a ser educado fosse um ser feliz, vigoroso e sadio:

1. Um ser feliz porque um ser triste não teria sua mente aberta para receber tudo que lhe fosse transmitido. Somente a felicidade nos transforma em seres abertos e receptivos, a tristeza nos deprime e nos fecha para o contato com o mundo.
2. Um ser vigoroso, pois ele precisaria estar sempre disposto a seguir todas as atividades propostas pelo seu preceptor. Um ser preguiçoso nunca estaria com vontade de executar as atividades propostas pelo preceptor.

3. Um ser sadio, pois um ser doente não seria útil à educação guiado por um preceptor.

Um homem enfermo seria totalmente egoísta importando-se somente com a sua saúde física e não com sua alma. Tal comportamento do doente seria totalmente pertinente já que ele só pensa na ausência da dor e não busca obter ensinamento algum. Nesse caso, o homem enfermo precisaria de um enfermeiro e não de um preceptor-guia. Um enfermeiro poderia evitar o sofrimento e amenizar a dor até a morte. Enquanto que um preceptor ensinaria o ser a viver. As funções de enfermeiro e preceptor são completamente diferentes e antagônicas.

Voltando ao tema do local adequado, onde se passaria tal educação, o mais aconselhado para se instruir o homem seria o campo em um país cuja região fosse temperada. A cidade o degeneraria devido ao convívio com os outros grupos de homens corruptos. Porém no campo, o homem livre se espalharia pela terra que cultivasse e assim se desenvolveria e se renovaria. A opção pela educação no campo é de suma importância para Rousseau, pois o ar respirado lá é infinitamente mais puro do que o ar respirado na cidade. Tal ar puro nos é necessário para que estejamos sempre felizes, vigorosos e sadios, e assim prontos para receber os ensinamentos do mestre.

Rousseau discursa longamente em seus escritos sobre a ama de leite do recém-nascido. Como a criança seria órfã, de acordo com seus critérios, seria preciso uma ama de leite para alimentá-la principalmente nos primeiros momentos de vida. Antes de ter um preceptor, a criança necessitaria de tal ama, pois o preceptor não teria dotes femininos nem maternos. Rousseau concebe o preceptor como um ser masculino. Sendo assim, o recém-nascido obteria uma ama de leite e um preceptor masculino para que o processo educativo se realize como um todo. Rousseau concebe a ama de leite como aquela mulher que tem uma alimentação correta para que possa bem alimentar e nutrir a criança. Assim, o educando, quando se tornasse

homem, seria completamente saudável ao longo de sua existência e poderia assimilar mais facilmente os ensinamentos de seu preceptor-guia. Rousseau analisa com rigor também sobre a forma de vestir, limpar e tratar a criança. A ama de leite deveria vestir a criança de forma livre e confortável e sempre mantê-la em boas condições higiênicas. Sobretudo, trataria a criança bem lhe dando muito amor e carinho. Todo esse processo vivido na base de sua vida, ou seja, na fase de bebê e criança pequena influenciaria para o momento futuro onde a criança pronta passaria às mãos do preceptor.

Faremos agora um parágrafo inclusivo para tratar do conhecimento humano de forma geral. Vamos dividi-lo em duas partes: um comum a todos e outro particular aos doutores. Segundo Rousseau, o particular seria infinitamente pequeno em relação ao comum, já que adquirimos conhecimento e experiência desde o nosso nascimento. Tal aquisição é muito mais rica e interessante do que se fazer notar pelas diferenças do saber, como, por exemplo, nas equações de álgebra. Ademais, Rousseau discursa sobre o conhecimento da fauna e da flora para ilustrar a divisão do conhecimento humano:

Os próprios animais adquirem muitos conhecimentos. Têm sentidos, é preciso que aprendam a fazer uso deles; têm necessidades, é preciso que aprendam a satisfazê-las; é preciso que aprendam a comer, a andar, a voar. Os quadrúpedes que se firmam sobre os pés desde o nascimento nem por isso sabem andar, vemos pelos seus primeiros passos que são tentativas pouco seguras. Os canários que escapam das gaiolas não sabem voar, porque nunca voaram. Tudo é instrução para os seres animados e sensíveis. Se as plantas tivessem um movimento progressivo, seria preciso que tivessem sentidos e adquirissem conhecimentos; caso contrário, as espécies logo morreriam. (*Emílio*, livro I, p.48-49)

Essa passagem é vital para a compreensão do pensamento de Rousseau no que diz respeito ao conhecimento humano. Podemos concluir a partir dela que o conhecimento comum é o vivenciado por todas as pessoas e devido a tal fato, muito mais importante. Aprendemos mais com o conhecimento comum do que com o particular, porque este fica detido nas mãos de poucos, enquanto que aquele é abrangente a todos.

Tendo em mente os critérios estabelecidos por Rousseau para se obter uma educação completa, devemos citar alguns sentimentos infantis que terão influência ao longo do processo educacional. Vamos tratar agora dos medos e receios que afligem a todos os seres humanos, inclusive a nós mesmos. Desde o início do processo educacional, deveríamos habituar as crianças a ver objetos, bichos e pessoas feios e a escutar barulhos e sons desagradáveis. Os adultos não deveriam demonstrar medo perante aqueles e até mesmo achá-los engraçados. Rousseau considerava o ser humano adulto uma pessoa totalmente equilibrada. Seria prudente tratar dos medos e dos receios como fatos cotidianos, algo sem muita relevância. Tendo presenciado tal exemplo, ao longo do tempo, as crianças seriam pessoas mais ponderadas, pois aprenderiam a lidar melhor com seus medos e angústias. Para Rousseau, a educação se basearia nos sentidos, já que eles são os primeiros materiais de conhecimento e reconhecimento de uma criança. Deveríamos preparar bem as crianças para receberem conhecimento através de seus sentidos, pois no momento que suas memórias e imaginações estivessem maduras, estariam aptos a adquirir conhecimentos através do entendimento. Rousseau divaga sobre as primeiras ações das crianças onde elas só usam os sentimentos e sentidos. Entretanto, sabemos que só se conhece o bem e o mal pela razão, e esta a adquirimos mais tarde. Durante os primeiros anos de vida, agimos de formas boas e más sem sabermos, não há moralidade em nossos atos. Apenas agimos deliberadamente. Tomemos a citação a seguir de Rousseau para ilustrar nosso escrito: uma criança quer desarrumar tudo o que vê;

parte e quebra tudo o que pode alcançar, segura um passarinho como pegaria numa pedra e o sufoca sem saber o que está fazendo. (*Emílio*, livro I, p.56). Ele explicita melhor nossos atos infantis adiante:

Em primeiro lugar, a filosofia irá explicá-lo pelos vícios naturais: o orgulho, o espírito de dominação, o amor-próprio, a maldade do homem; o sentimento de sua fraqueza, poderá acrescentar ela, tornar a criança ávida de fazer atos de força e de provar para si mesma seu próprio poder. (*Emílio*, livro I, p.56).

Retornemos agora ao tema da liberdade, que foi mencionado nos nossos primeiros parágrafos para ilustrar um pouco mais a questão dos sentidos, dos sentimentos, da natureza e da razão. Segundo Rousseau, nascemos livres, a liberdade nos é dada no início da vida e ele a divide em quatro máximas a seguir:

1. Longe de terem forças supérfluas, as crianças nem mesmo têm forças suficientes para tudo o que a natureza lhes exige. É preciso, portanto, facultar-lhes o emprego de todas as forças que ela lhes dá e de que não poderiam abusar. Primeira máxima.
2. É preciso ajudá-las e suprir o que lhes falta, quer em inteligência, quer em força, em tudo o que diz respeito à necessidade física. Segunda máxima.
3. No auxílio que lhes prestamos, devemos limitar-nos unicamente ao realmente útil, sem nada conceber à fantasia ou ao desejo irrazoável, pois a fantasia não as atormentará enquanto não se a fizer nascer, dado que ela não pertence à natureza. Terceira máxima.
4. É preciso estudar com atenção sua linguagem e seus sinais, para que, numa idade em que elas não sabem fingir, distingamos em seus desejos o que vem imediatamente da natureza e o que vem da opinião. Quarta máxima. (*Emílio*, livro I, p.58)

Com tais máximas, aprende-se a fazer mais por si mesmo e a exigir menos dos outros. Primeiramente, cada pessoa só pode fazer o que estiver fisicamente apta a realizar. Podemos auxiliar as pessoas, mas cada um sabe de seus próprios limites. Devemos ter em mente, que a ajuda deve ser útil, caso contrário, ela não é essencial. Quando prestamos atenção aos sinais dados pelos seres que nos cercam, entendemos melhor o que eles querem nos dizer, e, sobretudo o que eles realmente precisam. Contudo, é necessário que estejamos aptos a prestar atenção nos outros a nosso redor e também que estejamos prontos e abertos para oferecer a ajuda que pudermos prestar.

Visando mais um critério estabelecido no processo educacional, Rousseau discursa sobre a questão da fala das crianças. Fato que é de suma importância ao longo do caminho educativo delas. Ele explicita que as crianças têm sua própria gramática com regras mais gerais que as nossas. Rousseau aconselha os adultos a ficarem calmos no que diz respeito à formulação da linguagem infantil, pois as crianças se expressarão verbalmente tendo o nosso auxílio lingüístico ou não. Quanto maior for o grau de ansiedade dos adultos, a criança demorará mais a falar. Para que as crianças tenham um bom exemplo a seguir, devemos nos expressar sempre da forma mais correta diante delas. Assim elas ouvirão a expressão oral adulta de uma forma bem clara e articulada e poderão apreendê-la mais facilmente. Rousseau coloca em questão o campo e a cidade novamente quando opõe a linguagem e a fala da criança do campo com a da cidade. A expressão oral da criança do campo é bem clara e melhor pronunciada e articulada do que a da criança da cidade. Pois esta sempre tem a criada que a cerca e que lhe serve de intérprete e bengala todas as vezes que se expressa. Enquanto que aquela é criada solta, longe dos adultos responsáveis por ela e sempre se esforça para se fazer entender pelos outros. É a lei da sobrevivência que fala mais alto. Contudo, nosso filósofo afirma que a criança deveria imaginar mais do que articular e com isso deixaria seus

pensamentos fluírem. A imaginação e as idéias são mais importantes do que conhecer as palavras. Sendo assim, com a imaginação solta e os pensamentos fluídos, a criança estaria pronta para receber conhecimentos do seu preceptor no momento adequado.

Em seus escritos, Rousseau mostra o progresso verbal da criança. No estágio da expressão oral, a criança deixa de chorar para verbalizar o que lhe aflige. O preceptor deve agir inteligentemente e induzir a criança a utilizar a sua expressão verbal ao invés de usar o choro para chamar a atenção para si mesma. O guia deve sempre manter a serenidade e a tranqüilidade perante qualquer situação de angústia e sofrimento da criança. Sendo assim, ela se acalmará e verá que o mal já foi feito e em breve estará curada e com o problema solucionado. Se o preceptor ficar exaltado quando a criança chorar, esta ficará assustada e perdida e isso só atrapalhará ao invés de contribuir para o seu aprendizado.

Rousseau pensa que quando aprendemos a suportar dores leves e enfrentar os medos no início das nossas vidas – como já foi dito anteriormente -, aprenderemos a suportar as dores fortes e enfrentar os medos mais temerosos que virão com o passar dos anos, na maturidade. O sofrimento e a coragem são algumas das primeiras e importantes lições que aprendemos ao longo de nosso aprendizado. Não há como evitá-los e nem devemos. Precisamos passar por eles e assim aprenderemos a lidar melhor perante situações sofridas e/ou corajosas. No que diz respeito a situações sofridas, podemos avaliar que as crianças nunca se machucam seriamente a menos que as deixemos em situações reais de risco. É importante ressaltar que as caídas e machucados das crianças resultam no pleno desenvolvimento infantil. Nas situações livres e divertidas das brincadeiras infantis, elas sofrerão leves machucados, nunca nada será tão grave. Se forem tratadas normalmente, as crianças se tornarão fortes e não se abalarão com um simples corte nos dedos. No caso da criança presa, ela não sofrerá nenhum arranhão e ainda como resultado, ela poderá nunca se lançar às aventuras e impropérios da vida. Tentando evitar o sofrimento infantil, podemos

fazer com que a criança se torne triste e contrariada, pois ela não usará toda a energia vital que possui para gastar nas brincadeiras. Uma criança forte e plena de energia será um adulto mais independente e capaz de desenvolver seu conhecimento. Ainda podemos afirmar que terá condições de conduzir melhor sua vida quando estiver na fase adulta. Rousseau concebe a vida infantil inicial repleta de riscos, pois assim sua vida será longa. No caso dela ter pouco a enfrentar, sua vida será mais curta. Rousseau pensa que quanto menos um ser humano tiver vivido, menos devemos esperar que ele viva. Quanto maior o número de experiências, o ser humano tomará mais consciência de si mesmo e passará a ser considerado uno e moral. Entretanto, sempre devemos ter em mente que criança é criança e adulto é adulto. Cada um tem seus momentos diferentes a serem vividos, sem adiantar ou retardar nenhum deles. Basta deixar seguir a ordem natural dos fatos tendo em vista sempre a proporção do seu bem estar. A infância é o momento que sentimos mais prazer de existir, pois tudo é riso, diversão e ingenuidade. As crianças dispõem constantemente de um sorriso nos lábios e também possuem a alma pura sempre em paz.

No que diz respeito à alegria e felicidade na fase infantil, rimos e nos divertimos incansavelmente e constantemente. Tudo é divertido e alegre nessa fase. A missão do preceptor é estimular o quanto puder a felicidade infantil, que é demasiadamente ingênua. No momento adequado, as crianças amadurecerão e passarão a idade da razão. Ainda no caminho da felicidade humana, pensemos no estágio primitivo. O homem é infinitamente mais feliz, pois nesse momento de vida ocorre o encontro entre o poder e o desejo naturalmente. O homem não sabe distinguir racionalmente um do outro. Nenhum é mais ou menos que o outro, eles estão em equilíbrio, são iguais. Na condição natural do ser humano, existe uma mínima distância entre seu poder e seus desejos e devido a tal distância, o homem será feliz, pois ele não sentirá a necessidade de nada. Quando não podemos ampliar o mundo real repleto de maldades, devemos diminuir o mundo imaginário repleto de bondades. Na redução

de diferenças, nos tornaremos mais felizes. O homem viveu, vive e sempre viverá em busca da felicidade! Só podemos ser felizes quando desfrutamos da liberdade.

Quem faz o que quer é feliz quando basta a si mesmo: é o caso do homem que vive no estado de natureza. Quem faz o que quer não é feliz quando suas necessidades ultrapassarem suas forças: é o caso da criança no mesmo estado. (*Emílio*, livro II, p.82).

O homem verdadeiramente livre só quer o que pode e faz o que lhe agrada. (*Emílio*, livro II, p.81).

Há muitos séculos e ainda atualmente, os conceitos de felicidade e liberdade estão entrelaçados, pois o homem quer ser feliz e para a realização dessa felicidade, ele anseia e precisa ser livre.

Quando utilizamos a liberdade no processo educacional, obtemos o equilíbrio do indivíduo e assim o seu êxito ao final do referido processo. No ato de educar a criança, é imprescindível usar a verdade, assim como a motivação e o limite sem ser autoritário. O preceptor verdadeiro é confiável, logo a criança se sentirá segura. A segurança e a confiança estão interligadas. Quando confiamos em alguém, nos sentimos seguros, logo quando estamos seguros, confiamos. A criança deve reconhecer que o preceptor é mais forte fisicamente do que ela, ele indica o limite. A criança não sentirá medo do preceptor, ela sentirá respeito por ele. A reação da criança será de segurança, ela se sentirá segura e seu estimo em relação ao preceptor aumentará. O preceptor limitará a criança, ele lhe dará um freio para que ela saiba até onde é possível ir. Assim, sentindo-se segura e confiando no preceptor, a criança será um ser maduro mais paciente, calmo, resignado e tranqüilo. A criança deve vivenciar as lições

ensinadas pelo preceptor. A prática é infinitamente mais importante que a teoria no processo educacional de uma criança, pois ela desconhece totalmente a noção de moral:

Não deis a vosso aluno nenhum tipo de lição verbal. Ele deve receber lições somente da experiência; não lhe ordeneis nenhum tipo de castigo, pois ele não sabe o que é ser culpado; não façais nunca com que peça desculpas, pois não saberia ofender-vos. Carente de qualquer moralidade em suas ações, ele nada pode fazer que seja moralmente mau e mereça castigo ou reprimenda. (*Emílio*, livro II, p.94)

O melhor educador é um grande observador, calmo e ponderado. Ele agiria de acordo com a razão. A escolha do preceptor ideal é primordial no processo educacional formulado por Rousseau. Aquele que chegar mais próximo aos meios para melhor exercer sua educação natural será o preceptor mais bem sucedido! Tendo em vista todos os requisitos citados até aqui em relação à criança, ao seu preceptor e a sua educação, há que considerar o preceptor como um homem maduro e que tenha diversos atributos. Ou seja, tal preceptor seria generoso, respeitado, virtuoso, equilibrado, benevolente, justo, humano, caridoso e ainda preferiria educar no campo, já que na cidade a criança iria vivenciar todos os vícios existentes lá.

Na aldeia, um preceptor será muito mais senhor dos objetos que quiser apresentar a criança. Sua reputação, seus discursos, seu exemplo terão uma autoridade que não poderiam ter na cidade. Sendo útil a todos, todos se esforçarão por obsequiá-lo, por serem estimados por ele, por se apresentarem ao discípulo tal como o mestre gostaria que fossem de fato, e, se não se

corrigirem do vício, abster-se-ão do escândalo. Isso e tudo de que precisamos para nosso objeto. (*Emílio*, livro II, p.100).

A tarefa difícil é encontrar tal preceptor! Será que ele existe ou teríamos que moldá-lo também assim como faríamos com a criança? Rousseau, na verdade, fala de si mesmo, pois ele se considera o preceptor ideal. Primeiramente, devemos considerar o preceptor como sendo um mestre em si mesmo, para que assim possa ser o mestre de alguém. Como Rousseau é um mestre em si mesmo, logo ele pode ser o mestre de alguém, ele pode ser o preceptor.

Depois de serem apresentados e discutidos o sofrimento e a coragem na fase infantil, abordaremos outro item importante no processo educacional. Uma das primeiras lições a serem ensinadas as crianças é a da propriedade. Nela o preceptor deve passar as noções do direito do primeiro ocupante pelo trabalho. Vamos exemplificar a lição: quando encontramos um campo semeado, não devemos destruí-lo e sim respeitá-lo e procurar plantar nossas sementes em outro lugar. Como a educação é feita no campo, podemos dar esse tipo de exemplo. Caso destroçemos o campo alheio, o outro terá o mesmo direito de também destruir o nosso campo. Esta deverá ser uma lição clara, simples e baseada em ações. Pois, como foi dito antes, só assim a criança absorverá tal lição, ela precisa visualizar a lição. Caso o preceptor só fale e não aja, tal ensinamento não será solidificado na memória da criança. As palavras são facilmente esquecidas pelas crianças, porém os atos são sempre lembrados. As crianças compreendem melhor as imagens do que a expressão oral. A fala não fica registrada na memória visual delas. Compreendida essa lição – que as levará ao mundo moral -, as próximas que virão mais tarde, tais como o direito de propriedade e as trocas, serão infinitamente mais simples de apreensão e entendimento.

No mundo moral constataremos a existência de convenções e deveres. Juntamente com aqueles dois, mentiras e enganos.

A partir do momento em que podemos fazer o que não devemos, queremos esconder o que não devíamos ter feito. A partir do momento em que um interesse faz prometer, um interesse maior pode fazer violar a promessa; não se trata apenas de violá-la impunemente, o recurso é natural: escondemo-nos e mentimos. Não podendo prevenir o vício, eis-nos já prestes a punir. São essas as misérias da vida humana, que começam com seus erros. (*Emílio*, livro II, p.109).

No que diz respeito à mentira, Rousseau acha que não devemos punir as crianças por haver mentido. Devemos fazer que as verdades pronunciadas por suas bocas sejam postas a prova para que elas possam avaliar o mal que possam ser capazes de fazer ao mentirem. Rousseau ainda classifica as mentiras em duas categorias:

1. A mentira de fato, que diz respeito ao passado.
2. A mentira de direito, que diz respeito ao futuro.

As mentiras de fato ocorrem quando negamos ter feito algo que fizemos ou ainda quando afirmamos ter feito algo que não fizemos. As mentiras de direito é quando prometemos algo que não cumprimos – fato muito comum na nossa vida cotidiana, principalmente se pensarmos na vida política do nosso país atual. Os dois tipos de mentira não são naturais e os mestres são os principais responsáveis pelas mentiras das crianças. Quando os professores ensinam as crianças à sempre dizer a verdade, na realidade, o que estão ensinando é a criança a mentir. A mentira se encaixa no campo dos deveres do mundo moral.

Ainda no mundo moral encontraremos as virtudes e com elas, as ações virtuosas e

boas que devem ser imitadas pelas crianças. Considerando que há várias virtudes negativas, devemos destacar somente as positivas. Contudo, devemos sempre ensinar às crianças a fazerem o bem. Essa sim é a lição moral mais importante em todas as idades! Na lição de praticar o bem, devemos considerar que o homem deve estar longe da sociedade humana. Em uma sociedade, o bem de uma ação é necessariamente o mau de outra. O homem solitário só fará o bem e nunca o mal. Enquanto que o homem social terá muito mais possibilidades de praticar o mau do que o bem. As palavras proferidas da boca de um ser no campo não têm o mesmo valor que as mesmas palavras saídas da boca de um ser em sociedade, a relação de idéias e os valores são totalmente diferentes.

Nosso autor é a favor de um tipo de educação por imitação em certo aspecto, já que a criança não possui o discernimento necessário para fazer o bem, logo ela só imitará os hábitos que quisermos dar-lhe. Quando a imitação ocorre na natureza, ela é bem ordenada, enquanto que na sociedade, a imitação degenera em vício.

O macaco imita o homem que ele teme, e não imita os animais que despreza. Considera bom o que faz um ser melhor do que ele. Entre nós, pelo contrário, nossos arlequins de todo tipo imitam o belo para desagradá-lo, para torná-lo ridículo; procuram no sentimento de sua baixeza igualar-se ao que vale mais do que eles, ou, quando se esforçam por imitar o que admiram, vemos na escolha dos objetos o falso gosto dos imitadores; querem muito mais se impor aos outros ou fazer com que seu talento seja aplaudido do que se tornarem melhores ou mais sábios. (*Emílio*, livro II, p. 114 e 115).

Uma importante regra de educação é a que diz respeito às virtudes e costumes, onde a mais importante lição moral é a de nunca fazer o mal a ninguém. Consideramos que a lição de

fazer o bem não é relevante, visto que se pode fazer o mal para obter-se o bem. De uma maneira geral, todas as pessoas fazem o bem, porém elas podem fazer mal a vários outros em busca do bem. O homem bom é solitário, só assim pode ser bondoso. Enquanto que o homem mau precisa estar em sociedade para praticar a maldade, pois sozinho, contra quem ele poderia fazer o mal?

Nosso filósofo considera que devemos respeitar a infância, não devemos apressar o amadurecimento das crianças, tudo se dará ao seu tempo. Uma criança pode se expressar de forma correta em um dado momento, porém em outro, pode voltar ao seu comportamento infantil. O que é totalmente normal e aceitável nessa fase da vida. O amadurecimento acontece quando se tem que acontecer, sem pressa nem ansiedade. A criança tem o tempo de brincar, dormir, correr, comer, fazer nada, etc. Assim se dará o processo educacional de forma completa e absoluta, respeitando as fases e etapas de vida que passamos para obter a razão na idade adulta. Na infância, aprendemos facilmente, porém nada fica no cérebro. Só as imagens permanecem. Como as crianças não têm capacidade de julgar, não têm memória. No entanto, elas têm os sentidos como forma do saber. Elas ainda não possuem o entendimento para apreender conceitos. Rousseau afirma que as crianças raciocinam muito bem em tudo o que conhecem e ao que se relaciona ao seu interesse sensível e momentâneo. Entretanto, elas não raciocinam em tudo o que diz respeito a uma vida distante, felicidade longínqua, suas vidas quando forem adultos, etc. Tudo isso não é de nenhuma importância para a vida infantil de agora. Não podemos criar expectativas sobre as crianças, senão nos decepcionamos com elas.

No que diz respeito ao estudo das línguas estrangeiras, Rousseau acha inviável que ele se estabeleça antes dos doze ou quinze anos de idade. Ele considera somente o ensino de enorme apreensão aos prodígios, só a eles aquele seria possível e aproveitável. Nas línguas estrangeiras há a mudança dos signos e isso a mente da criança ainda não está preparada para assimilar. A criança antes dos doze ou quinze anos, somente está pronta para receber

informações de forma lúdica e não cognitiva e formal. O ensino daquelas não se concretiza de maneira satisfatória na fase infantil. A criança usa bem um único idioma e o conserva até a idade da razão. Na fase infantil o ser humano não concebe idéias nem as compara e devido a tais fatores, ele só apreende uma língua estrangeira. Ou seja, o seu próprio idioma. Rousseau vai mais longe quando afirma que o processo de aprendizagem só se dá quando temos claramente a idéia das coisas representadas e com elas associamos os conceitos dos signos representantes. Entretanto, quando estamos na fase infantil, não temos nem a idéia das coisas representadas nem muito menos os signos representantes. Logo não possuímos nada pertinente na apreensão dos ensinamentos. Não estamos prontos para recebê-los pois, não temos a devida maturidade que obteremos, mais tarde, na fase adulta.

A seguir, nosso filósofo faz uma inteligente comparação dos homens doutores com as crianças em relação a aprendizagem:

A maior parte dos homens doutos são-nos à maneira das crianças. A vasta erudição resulta menos de uma grande quantidade de idéias do que de uma grande quantidade de imagens. As datas, os nomes próprios, os lugares, todos os objetos isolados ou carentes de idéias são retidos unicamente pela memória dos signos, e raramente nos lembramos de algumas dessas coisas sem ver ao mesmo tempo o “recto” ou o “verso” da página na qual lemos, ou a figura sob a qual a vimos pela segunda vez. (*Emilio*, Livro II, pág.127)

Falando ainda na aquisição de conhecimentos das crianças, na memória infantil ficam retidas informações que a fazem feliz. Sendo assim, o papel do preceptor é contribuir para a compreensão dos seus deveres na vida adulta e a orientar durante a vida de uma forma conveniente a seu ser e às suas habilidades e faculdades. Na mente do ser infantil fica

registrado tudo o que ele vê, ouve e o impressiona. Esses sentidos o fazem lembrar e eles ficam fixados na sua memória cognitiva.

Rousseau coloca em questão as fábulas infantis: elas seriam tão claras e compreensíveis para as crianças? Ou será que elas precisariam da ajuda de um adulto para transmitir às crianças a idéia de moral e as outras “idéias claras” de tais histórias? Ele utiliza como exemplo a fábula “O corvo e o raposo”. Nela devemos explicar a diferença de termos da linguagem formal e da linguagem poética. Senão a criança pensará que se pode falar da forma que foi escrita a fábula. Nesta fábula, primordialmente, é preciso averiguar se a criança conhece um corvo e um raposo. Caso negativo, devem ser-lhes apresentados referidos conceitos para que ela possa ter uma compreensão imaginativa e clara da história. É também questionada a idéia da fala do corvo e do raposo e da comunicação comum entre eles. Na vida real, eles só emitem sons, eles não falam. Entretanto se deve esclarecer que em fábulas, o mecanismo da fala e da comunicação é totalmente possível aos personagens, sejam eles animais, bonecos, plantas ou seres humanos. Apesar de vários “poréns” e “entretantos” que contêm todas as fábulas infantis, tais obras devem ser bem escolhidas e também, se devem manter as idéias da fantasia, da brincadeira e da diversão. As crianças possuem e buscam constantemente imaginar, brincar e se divertir. Nosso filósofo observa que, em qualquer que seja a fábula lida pela criança, ela escolherá sempre o papel do melhor personagem: aquele que vence no final. Vemos aí colocado em evidência a natureza humana e com ela, o amor-próprio que prevalece. Tal conceito tão ilustre para Rousseau, pois ele é a chave de sua teoria social e política como um todo. O amor-próprio pode ser traduzido como vaidade e orgulho, em poucas palavras, como já vimos no capítulo anterior. O que é bom e valioso em uma pessoa e para o outro em função da falta dos referidos sentimentos em outros seres. Com isso a criança pode assumir o amor-próprio ansiando mandar nos outros a seu redor e colocá-los assim a seu dispor. Rousseau questiona ainda a utilidade do livro para as crianças menores de

12 anos. Ele afirma que a leitura de livros antes dos 12 anos só servirá para aborrecer e não lhe será divertida. Porém o ensino e o estímulo a leitura deve ser feito, mas a introdução aos livros concretamente somente após os 12 anos. Nessa idade eles aproveitarão e questionarão mais, terão suas idéias claras, conceitos formados e opiniões a serem escutadas.

Rousseau nos incita a motivar ao máximo as crianças no processo de aprendizagem. Devemos fazê-las nutrir o desejo de aprender o que será ensinado. Caso contrário, quando as crianças não anseiam aprender, elas não aprenderão nada. A vontade é primordial e para tanto a motivação é essencial para despertar a vontade de aprender. No momento em que a criança demonstra interesse em aprender, ela está motivada e esse é o único sentimento que é seguro e que ela guardará para toda a vida.

Nosso filósofo relaciona a inteligência à força física do aluno, pois uma depende da outra. Se ele se exercita fisicamente de forma contínua, logo seu cérebro estará sempre em movimento. No instante que o aluno obtém o vigor físico, ele será também vigoroso em sua razão. Logo com o cultivo do exercício do corpo, cultivam-se também as operações do raciocínio. Contrapondo em certo aspecto esse raciocínio, Rousseau classifica os camponeses e os selvagens da seguinte forma:

1. Os homens camponeses são rústicos, grosseiros, desajeitados, lentos, sempre fazem o que mandam ou o que viram fazer. Eles estão ligados emocionalmente a sua terra. Sempre seguem uma rotina e têm no lugar da razão o hábito e a obediência.
2. Os homens selvagens são também rústicos, grosseiros e desajeitados. Porém possuem a sutileza no espírito e não estão ligados a nenhum lugar com o coração, não obedecem a ninguém. Não possuem nenhuma tarefa a ser executada, seguem sua própria vontade como lei e assim são obrigados a raciocinar perante cada ação de sua vida. Eles têm que considerar antecipadamente cada ação da sua existência.

Sendo assim, tendo uma grande freqüência ao exercitar o próprio corpo, o ser adquire mais iluminação de seu espírito. A força e a razão crescem juntas. À medida que o tempo passa, vão crescendo juntas. O aluno do preceptor será como o selvagem. Ele será um ser capaz de julgar, raciocinar e prever. Ele agirá conforme seus próprios pensamentos e não como as outras pessoas pensam. Ele tirará suas conclusões de acordo com suas experiências vividas na natureza, se auto-instruirá. Contudo, o aluno instruído pelo preceptor obterá a força do corpo e da alma. Ou seja, a razão de um sábio e o vigor de um atleta. Rousseau acredita que devemos deixar o aluno sentir-se à vontade e que ele controle a situação.

Assim, não vos vendo preocupado em contrariá-la, não desconfiando de vós, não tendo nada para vos esconder, ela não vos enganará nem mentirá; mostrar-se-á tal como é sem temor; podereis estudá-la à vontade, e dispor ao seu redor as lições que lhe quiserdes dar, sem que ela jamais pense as estar recebendo
(*Emílio*, livro II, p.141)

Nosso autor redige um caso em que foi preceptor de uma criança muito mimada durante um curto período de tempo. A experiência não foi muito satisfatória para ambos os lados. Ele relata as situações vivenciadas e o quão delicado foi educar a criança. Ele consegue fazer com que ela o obedeça sem lhe dar sermões, ordenar nem proibir, e sem tão pouco exortá-lo nem aborrecê-lo. Na verdade, o objetivo de Rousseau é fazer um exemplo a ser seguido como a melhor forma de instruir alguém.

Nesse capítulo, fizemos um apanhado das idéias gerais de Rousseau no *Emílio* para ilustrar o que ele considera ideal como um modelo do seu processo educacional a ser seguido por todos. Afirmamos que há pontos interessantes e pertinentes de um lado, mas de outro lado

também há outros considerados pouco úteis e dificilmente realizáveis. Contudo, a pluralidade de detalhes e a visão futurista de Rousseau, nos levam a admirar a sua imaginação fértil e inventiva.

PARTE II

CAPÍTULO 3: COMPARANDO A EDUCAÇÃO ROUSSEAUNIANA COM A EDUCAÇÃO ATUAL

Começaremos a segunda e última parte do nosso trabalho que é mais dirigida para a nossa atualidade. Inicialmente, compararemos a educação rousseauniana ilustrada no capítulo precedente com a nossa educação contemporânea e em seguida, no capítulo posterior e último do nosso trabalho, traremos a questão da liberdade na educação de nossos dias. Poderíamos refletir na idéia de que a educação atual fica a cargo dos psicopedagogos, dos educadores e dos pedagogos e não mais nas mãos dos filósofos.

No presente capítulo, vamos fazer um paralelo entre o processo educacional proferido por Rousseau no *Emílio* e o nosso processo educacional brasileiro atual. Ou seja, vamos comparar a Educação Rousseauniana com a Educação atual. Tal tarefa é um tanto quanto árdua, mas o resultado será interessante e nos levará a refletir sobre o nosso momento atual na área da educação. Como na maioria dos processos comparativos, vamos enumerar os pontos em comum e os que são diferentes dos dois processos educacionais e comentá-los.

No processo educacional do *Emílio*, Rousseau se baseia em uma educação exclusiva, onde cada criança tem um único preceptor e recebe dele todo o ensinamento que obtém, desde os conceitos básicos de sua infância até os conceitos de formação adulta.

No nosso processo educacional atual, o panorama é bem diferente. As crianças não têm um preceptor exclusivo, pelo contrário, têm vários educadores e não-educadores e também pessoas responsáveis pela sua educação durante toda a sua existência.

No *Emílio*, o preceptor é o único responsável pela sua educação. Há também a ama de leite, mas não a levaremos em conta, pois tal mulher é somente responsável pelo aleitamento do Emílio. O papel da educação fica a cargo de preceptor exclusivamente. Emílio só possui o

preceptor como exemplo ao longo de todo o processo educacional, que duram vinte e cinco anos, aproximadamente. O preceptor também tem os deveres e obrigações dos pais, já que Emilio é órfão. O objetivo desse tipo de educação exclusiva de vinte e cinco anos é de conservar um juízo íntegro e um coração sadio, já que o preceptor possui tais atributos. Emilio será uma pessoa de juízo íntegro, pois seu preceptor é uma pessoa de conduta ilustre e indubitável. Emilio terá o coração sadio, pois ele será amado plenamente pelo seu preceptor e este transmitirá e ensinará somente os bons sentimentos para o pequeno coração de Emilio. O preceptor desperta no Emilio o interesse em aprender coisas novas e variadas. Ele o estimula e motiva das formas mais variadas e criativas possíveis. O preceptor é o responsável pelos ensinamentos pedagógicos, tais como o matemático, o físico, o químico e etc como também desperta nele o interesse global por todo o resto que compõe a nossa vida, tais como comidas, esportes, aparência e etc.

Vamos agora ao nosso panorama atual, nossos jovens estudantes conhecem vários preceptores ao longo do processo educacional deles. Desde o momento do nascimento, eles têm seus pais, toda a família, amigos da família, vizinhos e empregados – se for uma pessoa da classe média do nosso país - como exemplos de pessoas com as quais convivem. Ao longo de seu crescimento e desenvolvimento, eles adquirem um staff que trabalha ao seu redor para seu benefício, instrução e conforto, como, por exemplo, professores, babás, empregados, instrutores, treinadores e etc que dividem a responsabilidade da educação do jovem ao longo de sua vida pessoal e estudantil. Nosso jovem atual é cercado de um número cada vez maior de pessoas responsáveis pelo seu processo educacional. Cada pessoa tem a responsabilidade de despertar interesses diferentes nos jovens. Como por exemplo, o professor de natação, deve despertar o interesse pelo esporte e vida alimentar saudável, enquanto que os irmãos devem despertar o respeito ao outro e a admiração pelos pais. Citamos apenas dois exemplos, pois a pluralidade de pessoas que cerca e convive com o jovem atual tem uma gama variada de

afazeres específicos, que devem ser despertados no jovem. Afinal, o mundo atual é competitivo e temos que formar jovens preparados para a vida adulta. Dentre tais pessoas que foram citadas responsáveis pelo processo educacional do nosso jovem, há as que são íntegras e de coração sadio, porém há também as outras que não são tão íntegras nem possuem um coração tão sadio. Nosso jovem recebe bons e maus exemplos e cabe a ele distinguir qual caminho é o mais adequado a seguir. Será que o nosso jovem tem a habilidade para distinguir o que é bom e o que é mau?

Emílio só recebeu bons exemplos, logo o caminho do bem é o único caminho que ele tinha a trilhar. Ele desconhecia o mau e por isso seguiu pela linha do bem. Não há relatos de Rousseau dizendo que Emílio trilharia o caminho do mau. Emílio só tinha a opção de percorrer o caminho do bem. Nosso jovem deve fazer escolhas e às vezes, escolhe errado. Mas quem nasce sabendo qual a melhor escolha a tomar? Só podemos saber que a escolha foi errada depois de vivenciá-la. Claro que há pessoas que nos cercam e dão conselhos, mas muitas vezes os conselhos não são seguidos e fazemos as escolhas erradas. As escolhas fazem parte do nosso mundo de hoje em dia, mas o que é importante frisar é que sempre há a possibilidade de voltar atrás e recomeçar. Isso é o grande dom da vida: o do recomeço e a da mudança de caminho. Devemos considerar que a mudança é sempre difícil para todos os seres, pois é mais fácil continuar no caminho que estamos, mesmo que tal caminho seja ruim. A confiança na integridade do ser humano nos faz acreditar que ele procurará seguir sempre por um caminho bom, honesto e justo.

O Emílio é um ser humano afortunado e feliz, vive em uma confortável moradia no campo com seu preceptor e tem uma condição financeira bastante vantajosa. Temos que levar em conta que o salário pago ao preceptor deve ser altíssimo, pois cada preceptor é encarregado de educar, ao longo de sua vida, dois a três Emílios, no máximo. Se pensarmos na idade e na vitalidade do preceptor, ele conseguiria realizar bem o seu trabalho exclusivo

com três Emílios, se formos generosos. Afinal o preceptor não pode ser muito velho nem muito jovem. Não convém que ele seja muito velho, pois precisa ter a força física para acompanhar o Emílio nas suas atividades. Tão pouco convém que ele seja muito jovem, pois o preceptor precisa ter o conhecimento adequado para transmitir ao Emílio, um preceptor muito jovem não possui esse tipo de conhecimento que se adquire com uns bons anos de experiência profissional.

O nosso aluno atual também é um ser humano afortunado e feliz. Levando em consideração que o brasileiro é um povo afortunado por viver em um país de clima agradável, onde não há guerras. Temos outros problemas sociais, claro, mas podemos dizer que o brasileiro é afortunado por morar aqui. Ademais, o povo brasileiro é feliz porque é um estado natural do povo, apesar de seus problemas cotidianos – como qualquer povo do resto do mundo -, podemos afirmar que somos um povo feliz. Contudo, na nossa realidade atual, as pessoas que moram no campo, de maneira geral, não possuem uma residência confortável nem tão pouco têm uma condição financeira vantajosa. Claro que há exceções, mas de grosso modo, a realidade brasileira que reside no campo é a que deixa bem a desejar em todos os aspectos de vida, sejam eles, financeiros ou pessoais. Nosso jovem atual vive na cidade, onde ele tem contato com todos os riscos sociais que nossa sociedade capitalista desenvolvida possui atualmente. Na cidade há o problema da violência que temos que nos preocupar cotidianamente. Somos obrigados a nos proteger sempre de várias maneiras para garantir nossa integridade física. Há ainda a competição atual que vivemos entre os jovens e adultos, que faz com que o ser humano queira sempre ser melhor do que o outro. No que diz respeito à condição financeira atual da nossa população, podemos afirmar que a maioria mundial é pobre e que não possui nem tão pouco usufruí dos bens materiais básicos disponíveis. Vemos o que está acontecendo com o Haiti nesse momento. O país mais pobre das Américas acaba de

sofrer um desastre natural que o levou ao caos, onde as mínimas necessidades básicas do ser humano não estão sendo nutridas.

Todavia, há a classe média atual que luta arduamente para alcançar seus objetivos. A classe média está em constante batalha para obter todas as melhores condições dos aspectos básicos de vida, tais como: estudo, trabalho, bens materiais etc. Há também a classe rica ou muito rica, que é de uma proporção bem mínima no panorama mundial. Essa classe é a que podemos afirmar que tem uma condição financeira demasiadamente favorável e pode investir ao máximo na educação de seus filhos, assim como dar todo o conforto disponível para uma vida faustosa de seus herdeiros. Podemos comparar o padrão de vida do Emílio ao de uma família de classe rica ou muito rica dos nossos dias. Afinal só uma família riquíssima seria capaz de dispor de uma casa bem confortável no campo, onde se passaria a educação exclusiva de seus herdeiros com um preceptor exclusivo para cada um.

O preceptor transmite ao Emilio um modelo de educação onde há bastante reflexão e comparação de idéias. Emilio é levado a refletir sempre para obter suas próprias conclusões, mesmo que tal reflexão demore um pouco. O tempo não é tão revelador assim, afinal, eles têm todo o tempo que necessitarem. O importante é a aquisição de um pensamento perspicaz e reflexivo na vida de Emilio. Ele deve julgar com o conhecimento absoluto, pois só se julga bem quando conhecemos os princípios que motivaram tal julgamento. Para a obtenção de um bom conhecimento é necessário despender horas e reflexão. Às vezes não conseguimos tais respostas para o conhecimento nem tão pouco para o julgamento, mas o que importa é o tempo de análise que levamos para considerar vários aspectos sem pressão nem pressa. Veremos algumas palavras de nosso mestre referentes a melhor aprendizagem de todas que podemos adquirir: a do pensar:

Tendo sido educado com toda a liberdade dos jovens camponeses e dos jovens selvagens, deve mudar e parar como eles ao crescer. A diferença é que, em vez de agir unicamente para o prazer ou para a alimentação, em seus trabalhos e em suas brincadeiras ele aprendeu a pensar. Tendo chegado, pois, a esse ponto por esse caminho, encontra-se com ótimas disposições para com o caminho em que o introduzo; os temas de reflexão que lhe apresento excitam a sua curiosidade, porque são belos em si mesmos, são completamente novos para ele, e está em condições de compreendê-los. (*Emilio*, livro IV, p. 452)

Hoje em dia, os jovens não são levados a refletir. Os jovens querem conhecimentos rápidos e respostas imediatas, tudo bem dinâmico e diferente do Emilio. Afinal eles não têm tempo a perder na cidade que oferece uma gama de diversões e assuntos interessantes a serem pesquisados e descobertos. Claro que há aqueles jovens que se interessam na reflexão, mas não é a maioria. O jovem atual não tem tanto conhecimento quanto o desejado nem tão pouco tem um pensamento onde a reflexão é um fator vital. Os jovens querem julgar sem conhecer, querem conhecer sem refletir. Contudo, não dá para conceber uma coisa sem a outra, mas no mundo atual, esse é o lema e é o que é feito. O que importa para eles é a quantidade de informações que conseguem adquirir em um tempo mínimo para poder competir com os amigos que o cercam. A competição é muito mais importante do que a reflexão para o nosso jovem atual. Emilio não tinha essa preocupação, pois ele não tinha com quem competir. Só existia ele e o seu preceptor. A qualidade da informação e do conhecimento não é de suma importância atualmente. O que importa é o quantitativo. Emilio era conduzido a se preocupar mais com a qualidade da informação e conhecimento recebidos, por isso ele era induzido a refletir. Na verdade, esse ponto de comparação é difícil, já que as realidades das vidas do

jovem atual e do Emílio são completamente diferentes, mas ficam aqui registradas algumas posições para fazer o leitor pensar.

Entretanto, podemos dizer que a questão da reflexão é um ponto em comum entre o Emilio e o jovem atual. Mesmo tendo um número pequeno de jovens atualmente que refletem, ainda há aqueles que seguem por esse caminho. Os jovens atuais podem não ser valorizados, mas essa é outra questão. Aqueles que refletem atualmente são brilhantes e têm linhas e posição de pensamento bem pertinentes.

Outro ponto a tratar é a questão do equilíbrio entre corpo e espírito, que foi ilustrado na educação exclusiva do *Emílio*. Devem-se dosar bem os exercícios mentais tanto quanto os físicos. Rousseau se preocupava bastante com o Emilio nesse aspecto e fazia com que ele se exercitasse fisicamente tanto quanto mentalmente. Afinal Emilio recebia uma educação completa em todos os sentidos. Rousseau acreditava que a chave da educação era o equilíbrio entre o corpo e o espírito. Hoje em dia, há a grande preocupação com os exercícios físicos. Porém, as pessoas direcionam os exercícios físicos à vaidade e algumas vezes não se preocupam com eles como deveriam. No mundo atual, a tendência maior é a preocupação com o físico, mais do que com a mente. Entretanto, as pessoas tendem a acreditar que os jovens devem equilibrar a educação mental com a educação física. Claro que há os que priorizam os exercícios físicos, mas há também uma grande parcela que procura dosar bem os dois aspectos na vida dos jovens. Nesse aspecto, acreditamos que há duas linhas, tanto a da diferença quanto à da semelhança com o processo educacional do Emílio:

1. A da diferença, que prioriza o físico devido à vaidade humana atual,
2. A da semelhança, onde muitos jovens tendem a equilibrar as atividades físicas com as mentais, como foi feito com o Emílio.

Uma criança é menor do que um homem; não tem nem a sua força, nem a sua razão, mas vê e ouve tão bem quanto ele, ou quase, tem o gosto igualmente sensível, embora menos delicado, e distingue da mesma maneira os odores, embora não lhes imprima a mesma sensualidade. As primeiras faculdades que se formam e se aperfeiçoam em nós são os sentidos. São, portanto, as primeiras faculdades que seria preciso cultivar; são as únicas que são esquecidas, ou as mais desdenhadas (*Emilio*, livro II, p.159-160)

Faremos agora uma abordagem geral do processo educacional como um todo visando a questão dos sentidos. No que diz respeito aos sentidos, acreditamos que só há semelhanças entre o processo educacional do Emílio e o nosso processo educacional. Afinal, o que ocorre hoje já ocorreu antes, pois os sentidos são os mesmos e as pessoas continuam sendo pessoas. Pode ser que hoje as pessoas conseguem se expressar melhor do que antes, devido a liberdade de expressão atual que é infinitamente maior do que a da época do Emílio. Mas, hoje como antes, sentidos são sempre sentidos. O aspecto que mudou foi o tempo. Hoje vivemos em outra época diferente da do Emilio. Somos mais modernos. Geralmente, usamos os sentidos conforme sentimos e também como nos ensinam. Essa forma foi aprendida por Emilio e podemos dizer que, atualmente, acontece o mesmo, já que a educação atual também e ainda se baseia em repetições de comportamentos.

Continuando a falar sobre os sentidos, segundo Rousseau. Ele considera o tato como o sentido principal que nos dá a resposta imediata que precisamos. Ele supre todos os outros sentidos. Ele unicamente já é o suficiente para apreendermos o conhecimento. Quando sentimos usando o tato, conhecemos. Rousseau considera que a audição será suprida absolutamente quando colocamos as mãos em um objeto musical, pois no momento do toque, sentiremos as notas e a intensidade dos sons com as mãos. Rousseau acredita que enquanto o

tato concentra suas operações ao redor do homem, a visão se estende para além dele. Levando em conta o ato de extensão, a visão engana o homem, enquanto que o tato diz a verdade. No instante que avistamos algo ou alguém de longe, temos uma impressão que freqüentemente muda quando visualizamos tal imagem de perto. O tato é sempre verdadeiro, pois ele nos mostra a verdade. Dentre todos os nossos sentidos, a visão é o que tem mais propensão à falha, pois ela é a mais extensa.

No início do processo educacional, o aluno só sente, tanto o Emilio quanto o nosso aluno. A partir de um dado momento, após algumas experiências, ele passa a pensar, ter idéias e julgar. Rousseau foi brilhante ao afirmar que a idéia é originada da mistura de sensações e sentimentos que queremos expor. Se refletirmos um pouco na maneira de como concebemos idéias, podemos dizer que idéia é o resultado de sensações e sentimentos que são motivados de alguma forma em nós mesmos e a expomos de várias e inesperadas maneiras. Ele foi além nos seus pensamentos, dizendo que a forma como formamos a idéia nos dá o caráter. Voltamos a refletir sobre o conceito de caráter e chegamos a conclusão que quando concebemos idéias construtivas, temos um caráter admirável. Porém, quando as idéias concebidas são destrutivas e prejudiciais, podemos dizer que nosso caráter deixa um pouco a desejar.

O sentido é a primeira fase do processo educacional, primeiramente aprendemos através dos sentidos, descobrimos o mundo por eles e passamos a nos manifestar usando os sentidos. À medida que evoluímos, passamos a outra fase, que é a do falar o que sentimos. Os sentidos continuam a nos ensinar, mas conseguimos verbalizar o que queremos transmitir. Nesse momento quando dissemos o que sentimos, percebemos que é impossível nos enganar. Porém, por outro lado, quando julgamos pela aparência e pela indução, a probabilidade de engano é enorme. Entretanto para evitar um erro ou corrigi-lo, podemos fazer uso das experiências. Para ilustrar o que dissemos, tomamos como exemplo a visão da lua e das

estrelas no céu à noite. Quando as olhamos, julgamos que a lua passa pelas nuvens paradas. O que é falso, pois ambas se movimentam. Só obtemos esse pensamento e conclusão claros com a experiência de vida e também através de estudos que fizemos, pois em um primeiro momento podemos nos deixar enganar pelos sentidos. A natureza e a razão nos ensinam a não julgar a priori, pois assim não nos equivocaremos.

Aproveitando tais idéias vistas acima, podemos concluir que a fraqueza humana provém da desigualdade existente entre a sua força e os seus desejos. Quando desejamos algo, usamos mais forças do que as usuais. Aí, nos resulta a fraqueza em vista da obtenção do desejo. Por outro lado, quando usamos só a força, não desejamos nada verdadeiramente.

Em um momento do *Emílio*, Rousseau compara o seu aluno ao nosso. Ele acha que o Emílio é muito mais formal, uma pessoa mais centrada e contemplativa do que o nosso aluno. Por um lado, Emílio gosta bastante de se divertir assim como o nosso aluno, mas por outro lado, ele é mais preocupado e menos leviano do que o nosso aluno. Segundo Rousseau, tal comparação é inviável:

Comparando meu aluno aos vossos, tenho dificuldade em ver o que possam ter em comum. Educado de modo tão diferente, será quase um milagre se houver alguma coisa em que se pareça com eles. Como passou a infância com toda a liberdade que eles só têm na juventude, começa a assumir na juventude a ordem a que foram submetidos quando crianças; esta ordem torna-se um flagelo para eles, têm horror dela, vêem nela apenas a longa tirania dos professores, acreditam que só saem da infância sacudindo toda espécie de jugo(não há quem veja a infância com tanto desprezo quanto os que dela estão saindo, assim como não há lugar em que as posições sociais sejam respeitadas com maior afetação do que naqueles em que a desigualdade não é grande e

onde cada qual sempre teme ser confundido com seu inferior), e compensam então a longa submissão em que foram mantidos, como um prisioneiro que, libertado dos ferros, estende, agita e flexiona seus membros. Emílio, pelo contrário, considera uma honra tornar-se homem e sujeitar-se ao jugo da razão nascente; seu corpo, já formado, já não precisa dos mesmos movimentos e começa a deter-se por si mesmo, enquanto seu espírito, desenvolvido pela metade, procura por sua vez expandir-se. (*Emílio*, livro IV, p. 451-452)

Nesse capítulo procuramos ilustrar as idéias educacionais de Rousseau e o sistema educacional atual. Tentamos buscar uma reflexão individual do que foi e do que foi feito e do que é e é feito atualmente em termos de educação. Assim como, propusemos algumas idéias que falam do ser humano como um todo, onde seus sentimentos e sentidos foram expostos para fazer com que o leitor reflita no processo atual.

CAPÍTULO 4: A EDUCAÇÃO CONDUZIRIA REALMENTE O INDIVÍDUO À LIBERDADE?

Começamos o último capítulo do nosso trabalho com a proferida questão: a educação conduziria realmente o indivíduo à liberdade? Seria o processo educativo tão eficaz que levaria o indivíduo à tão sonhada e idolatrada liberdade? O indivíduo só seria livre se obtivesse a educação? Vamos utilizar duas vertentes para responder à referida questão do título: a afirmativa e a negativa.

Façamos um breve comentário, um pensador dizia que sempre há três formas de resposta para as questões: a sua própria resposta, a resposta do outro e a resposta certa. Perdoem, leitores, mas não nos recordamos do nome do pensador que proferiu tal afirmação, mas achamos pertinente fazer tal remarca.

Voltemos as duas possibilidades de resposta da pergunta que foi feita no primeiro parágrafo.

1. A resposta afirmativa diria que certamente o indivíduo seria conduzido à liberdade se fosse educado. Quando o processo educativo estivesse completo, quando Emilio estivesse absolutamente educado, detentor de toda a cultura e educação, finalmente ele seria livre. Emilio seria um ser livre e educado com capacidades para argumentar e julgar.
2. No que diz respeito à resposta negativa, ele não seria conduzido à liberdade quando o processo educativo estivesse terminado. Poderíamos até afirmar que ele não precisaria da educação para obter a liberdade. Afinal, Emilio já era um ser livre, um selvagem que vivia em liberdade no campo. Ele fazia o que queria, ia aonde sua imaginação o

levasse, não precisava dar explicação de sua vida a ninguém, não necessitava de nenhuma educação para obter a liberdade, pois ele já a tinha em seu estado selvagem. Vamos até um aspecto mais longínquo ao afirmar que ele ficaria aprisionado as garras da sociedade quando o processo educativo tivesse finalizado.

Rousseau tem uma afirmação na qual ele dizia que a sociedade acorrenta o homem civilizado, não foram essas as reais palavras utilizadas por ele, mas a idéia era a do homem civilizado preso aos padrões da sociedade da qual ele faz parte. Refletimos aí: o homem luta tanto para ser civilizado, para ser educado, para obter idéias esclarecedoras, para argumentar, para julgar, para ter um papel de destaque na sociedade e acaba sendo preso ao meio onde vive. É contraditório, não? Quando ele era selvagem, vivia solitário no campo ou com um grupo pequeno de pessoas, era mais livre do que quando ele se torna civilizado. Ou melhor, ele era completamente livre, pois era responsável por seus atos, fazia o que queria e não precisava da aprovação de ninguém para realizar suas ações cotidianas.

Rousseau afirma que o homem selvagem é completamente livre, pois ele obedece às leis que ele próprio criou. O selvagem obedece aos seus instintos e sentidos. Enquanto que o homem civilizado deve obedecer às leis que a sociedade criou, e devido à tal grupo social, ele é prisioneiro de um determinado meio social e deve agir de acordo com o que o grupo social ordenar. Mais um argumento para evidenciar a liberdade do homem não-educado e a prisão do homem educado.

Levemos a reflexão para hoje em dia: o homem educado é livre? Vamos às nossas duas possibilidades de resposta, como foi feita na primeira pergunta do capítulo:

1. Se respondermos sim: o homem educado é livre atualmente, pois ele pode escolher o que quer fazer na sua vida, ou seja, ele decide a sua profissão, sua opção sexual, onde

quer trabalhar, onde vai morar, com quem quer casar-se, quantos filhos terá etc. O homem educado atual é responsável por suas escolhas, pois ele é consciente, afinal ele pensa, age e reflete nos e pelos seus atos.

2. Se respondermos não: o homem educado não é livre hoje em dia. Pois quando é dada a educação ao homem, ele fica condicionado a “escolher” a profissão que for atribuída à ele, ou seja, ele será o profissional que querem que ele seja. Da mesma forma lhe serão atribuídas as outras “escolhas”, ou seja, escolherão com quem ele se casará, onde morará, quantos filhos terá, onde trabalhará etc. Na verdade, o homem educado ficará preso a padrões que a sociedade o imporá.

Claro que as duas opções acima foram respostas fechadas e sem grandes variações, foram afirmativa ou negativa sem exceções nem possibilidades de individualizá-las. A vida real é diferente do texto e nos permite escolhas em uma variada gama de opções. Entretanto, devemos considerar as duas respostas, que são verdadeiramente reais e há várias vidas como elas espalhadas na nossa sociedade atual.

Vamos fazer outra consideração com a hipótese do homem não-educado. Será que ele também é livre? O homem não-educado, se pensarmos como Rousseau, ele era totalmente livre, fato ilustrado pela vida que Emilio levava antes de começar seu processo educativo. O bom selvagem vivia livremente no campo. Na nossa época atual, acreditamos que ele continue sendo livre, já que a ignorância faz com que ele se considere livre e o seja também. O homem não-educado desconhece ou quer desconhecer vários conceitos e regras da sociedade e devido à tal fato, não os segue. O homem não-educado vive em outra realidade, ele vive fora do mundo social que vivemos. No momento em que ele desconhece regras, conceitos etc, ele realmente não pode segui-los. Mas quando ele quer desconhecê-los, ele simplesmente os ignora para não segui-los. A ignorância leva a felicidade e a liberdade também. Esses fatos

descritos são muitos cotidianos na nossa vida em sociedade atual. A ignorância conduz o homem não-educado atual à liberdade. Ele é livre por causa da sua plena e total ignorância. Essa afirmação é absolutamente contrária ao título do presente capítulo.

Entretanto, se pensarmos do ponto de vista moral, a educação realmente conduziria o homem à liberdade, já que ele seria uma pessoa esclarecida e haveria estudado várias correntes de pensamentos para obter a liberdade de seu próprio pensamento. Com os anos de estudos, o indivíduo seria uma pessoa que poderia expor suas idéias livremente, debater e criar argumentos, já que vivemos em um país democrático, como o Brasil. Nesse caso, somente o homem que fosse afortunado de ter passado por um processo educativo de qualidade, seria um homem verdadeiramente livre. Enquanto que o homem sem instrução, esse ficaria destinado a prisão de seus pensamentos tacanhos e pequenos. Quando o homem se instrui, ele passa a refletir, conhecer, argumentar e aceitar as diferenças que existem na nossa sociedade e nas outras também. Enquanto aquele sem educação ficará submerso aos seus pensamentos menores.

A liberdade consiste em decidir realizar alguma ação no tempo que quisermos, como e da maneira que acharmos mais conveniente. Há uma passagem que defini bem o fato de ser livre do indivíduo:

En realidad, soy libre cuando hago lo que decido hacer, no cuando obedezco a las ganas de hacer esto o lo outro. Cuando actúo, cuando decido, tengo muy en cuenta, por supuesto, mis ganas, lo mismo que tengo en cuenta el hecho de que soy hombre, o mujer, o gallego, o rico, o pobre, o joven, o viejo. Pero tener en cuenta todo eso es muy distinto que dejarme llevar por todo eso. Si veo a los neonazis apaleando a un negro y decido intervenir, por supuesto que tengo en cuenta muchas cosas, por ejemplo, si soy lo suficientemente fuerte para liarme

a golpes o si más bien me conviene llamar por el móvil a la policía o emprezar a gritar pidiendo ayuda. Pero al pretender que mi intervención ha sido resultado de una decisión, estoy pretendiendo que al tomarla he sido libre, que he intervenido en la situación no ha sido obedeciendo a un amo, que no se ha tratado ahí de obedecer a mi padre de Sevilla, o a mi abuela gallega, ni tampoco al dios de mis ancestros, ni a las costumbres de mi pátria, y tampoco a los diosecillos tiránicos que llevo escondidos en mi carácter más o menos neurótico, según podría atestiguar mi psicoanalista. Al pretender así que mi acto “no há dependido de nada”, al pretender que mi acto ha sido libre, estoy en el fondo diciendo algo que nos recordará mucho a lo que antes veíamos declarar en classe de matemáticas. (*Educación para la Ciudadanía*, 2007, p. 55-56)

Rousseau usa o conceito de liberdade em toda a sua obras, porém ela é proferida de muitos modos e contextos distintos. A liberdade é vital na visão política e social de Rousseau. Nós vamos nos abster somente ao conceito que foi explicitado até o presente, já que a noção de liberdade segundo Rousseau pode virar um trabalho inteiro.

Rousseau acreditava que o homem assim como o animal eram livres e responsáveis por suas escolhas e decisões. No entanto o que diferencia o homem do animal é o seu senso comum, o homem, apesar de suas decisões, ele ponderará mais na hora da ação livre, enquanto que o animal simplesmente agirá sem pensar nas conseqüências que seus atos poderão acarretar. O animal só possui o instinto, enquanto que o homem, além do instinto também colocará em prática o senso comum. O animal é mais livre que o homem. O homem é um ser livre, mas deve obedecer a certas regras de sociedade, como por exemplo, ponderar o bem comum a todos, o local comum aos outros dentre outros fatores. Rousseau dizia que o

homem tinha que lidar com algumas negações da liberdade para ser realmente livre. Como negações da liberdade, podemos citar o senso comum, o bem comum e o local comum que devemos levar em conta quando queremos executar alguma ação livre. Rousseau atribuiu uma liberdade limitada ao homem que vive em sociedade. Ele é livre para praticar seus atos até certo ponto, ele é livre para pensar, refletir e julgar, mas não é totalmente livre para agir de acordo com seus pensamentos. Entretanto, Rousseau achava que o homem quis a limitação de sua liberdade para poder conviver com os outros, para poder viver em grupos. Quando o ser humano era selvagem, ele era completamente livre e solitário, mas quando ele quis viver em sociedade, teve que limitar a sua liberdade. A educação fez com que limitássemos nossa liberdade para poder conviver com os outros grupos sociais. Quando não tínhamos educação, desconhecíamos todos os conceitos e éramos livres, mas a partir do momento que obtivemos a educação, passamos a possuir vários conhecimentos e reduzimos a nossa liberdade. É verdade que somos seres humanos livres, mas com certas restrições. Rousseau dizia que o ser humano escolheu possuir certas negações da liberdade para possibilitar sua vida como um ser social fazendo parte de grupos.

Concluimos o capítulo com a curiosa observação de que a educação dada ao Emilio foi baseada na liberdade, já que o preceptor o respeitava e dava a total liberdade para Emilio decidir o que queria fazer, quando e como. Eles tinham tempo para fazer o que quisessem. O preceptor deixava Emilio livre para agir, ele só o direcionava sem pressioná-lo. Tudo era pensado e deliberado de acordo com a vontade do Emilio. Para relembrar do processo educacional tratado no *Emilio*, podemos reler o segundo capítulo, onde o expomos com detalhes.

Vejamos aí mais uma contradição, dentre as muitas presentes nas obras de Rousseau: a educação atribuída a Emilio foi dada de maneira livre, Emilio tinha o livre arbítrio de decidir vários fatores de sua educação. O preceptor só o guiava e orientava. Tendo sido realizado o

processo educativo liberal, o homem educado encontra-se preso aos aspectos da vida em sociedade. Essa é mais uma das várias e brilhantes contradições de nosso mestre Rousseau, que nos faz refletir e ter vontade de ler suas obras incríveis.

CONCLUSÃO

Chegamos às nossas considerações finais, ao capítulo conclusivo da nossa pesquisa. Após anos de estudo e leitura, chegamos ao fim. Temíamos um pouco esse momento, pois não sabíamos bem como o faríamos. Nem sabemos ainda, mas vamos tentar esboçar nossos melhores argumentos para finalizar nossa conquista e fazer com que o leitor sinta que ter lido nosso trabalho fará algum diferencial nas suas vidas individuais.

O trabalho tratou da questão pedagógica do Emílio que foi descrito por Rousseau na obra de mesmo nome do personagem principal com todo o cuidado que se deve ter com o processo educativo de qualquer indivíduo. Não importa quem seja, deve-se dar uma grande importância a sua educação, afinal é só isso que levamos das nossas vidas: o nosso conhecimento. Tal educação será a nossa representação no mundo. Guardamos na memória os momentos que vivenciamos também, mas a educação que nos é fornecida, é tudo o que temos realmente na vida. Rousseau divagou calmamente e em muitas páginas do processo educacional como um todo, levantou todas as questões que os educadores ficaram encantados ao ler o seu tratado. Ele era uma pessoa minuciosa que tentou se regenerar dos seus erros em vida escrevendo obras brilhantes e de grande utilidade para todos os que se preocupam com a educação no país e no mundo.

Para resumir brevemente a obra do *Emílio*, ele é dividido em cinco livros, que são separados da seguinte maneira:

1. Livro I: a idade da natureza, onde Rousseau trata do início da infância e estuda a fase dos bebês, ou seja, do nascimento até dois anos. Esse é o período inicial e de grande importância do processo educacional segundo Rousseau. Nesse momento a ama de

leite serve para alimentar Emílio, dar-lhe amor e carinho e cuidar do bebê Emílio. Ele tem o preceptor como única referência familiar, pois Emílio é órfão e é deixado nas mãos do preceptor para que esse possa educar-lhe;

2. Livro II: a idade da natureza, onde Rousseau trata da transição da infância ao início da puberdade. O período da idade estudado é entre dois e doze anos. Emílio começa o seu processo educacional recebendo as lições de educações moral, intelectual, do corpo e dos sentidos. Ele começa a reconhecer seu corpo, seus sentidos e sua liberdade. O primeiro contato com os livros se dá aos doze anos;
3. Livro III: a idade da força, onde Rousseau trata da adolescência. O período estudado é entre doze e quinze anos. Emílio passa a receber a educação intelectual e social. Há um trecho no *Emílio* que ilustra bem essa fase: Emílio tem poucos conhecimentos, mas o que ele tem são realmente seus. (introdução, p. XIV);
4. Livro IV: a idade da razão e das paixões, o período da vida juvenil do Emílio entre quinze e vinte anos é estudado no referido livro. Ele recebe a educação religiosa e retoma a educação moral que foi iniciada no livro II;
5. Livro V: a idade da sabedoria e do casamento, onde Rousseau trata do início da vida adulta de Emílio que é entre vinte e vinte e cinco anos. Tendo sido cumprido o seu método de educação, Emílio está pronto para casar, tomar decisões e viver sozinho em sociedade.

Nosso trabalho se baseou principalmente nos quatro primeiros livros, pois é onde Rousseau detalha todos os aspectos do seu processo educativo e é o que nos interessa como objeto de pesquisa. No último livro, Emílio já está pronto para caminhar sozinho e a educação pode se dar por si mesma. Alguns comentadores dizem que o livro V é um resumo do *Contrato Social*. O referido livro é um tratado político, onde Rousseau levanta questões

relativas a política e a ética e como encaixar o ser humano em tal realidade. Porém, esse é um assunto a ser tratado em uma outra pesquisa. Voltemos ao Emílio que é nosso principal material de trabalho.

No decorrer do processo educativo do Emílio, Rousseau se serve da natureza como aliada para educar o Emílio. Ele utiliza constantemente os aspectos relativos à ela, um de seus temas preferidos, que está sempre proferido nos seus escritos, como veremos ilustrado a seguir:

Eu permaneceria sempre tão perto da natureza quanto possível, para dar prazer aos sentidos que recebi dela, certo de que, quanto mais ela contribuísse para meus prazeres, mais eu encontraria realidade neles. Na escolha dos objetos de imitação, sempre a tomaria como modelo; em meus apetites, dar-lhe-ia preferência; consultá-la-ia sempre sobre meus gostos; quanto aos alimentos, sempre iria querer aqueles que ela prepara melhor e que passam por menor número de mãos antes de chegar às nossas mesas. (*Emílio*, livro IV, p. 499)

No nosso texto, primeiramente, expusemos dois tipos de homens que têm um papel de destaque na obra rousseauiana. Concluímos que eles estão presentes em cada um de nós: o homem selvagem e o homem civilizado. Detalhamos os homens como Rousseau os concebeu e levamos o leitor a considerar que somos os dois em um só. Podemos ser um ou o outro ou mesmo os dois juntos de uma forma mais amena e menos radical do que Rousseau os concebeu. O homem é o objeto de maior valor de estudo para Rousseau, assim como para os antropólogos, os sociólogos, os psicólogos e ficamos motivados em conhecê-lo segundo a linha de pensamento de nosso filósofo. Rousseau o considera de uma forma bem inteligente como vimos no presente trabalho. Nas suas obras, Rousseau expressava um homem que ele

não era e nem conseguia ser. Ele sempre escrevia expondo muito amor, sentimento esse que ele teve dificuldades de expressar ao longo de sua vida. Achamos que ele vivia escondido atrás das suas obras, pois o medo que sentia de ser quem ele gostaria de ser era enorme.

Em seguida, escrevemos sobre a grande motivação e idéia principal de nosso trabalho que foi sobre o processo educacional do Emílio presente na obra de mesmo nome do nosso mestre Rousseau. Tentamos colocar os pontos mais pertinentes do referido processo pedagógico. Consideramos vários aspectos relativos a educação do bom selvagem. Vimos que o bom selvagem não se transforma no homem civilizado e também que o homem civilizado não poderia ser o bom selvagem polido. Há várias diferenças incompatíveis entre os dois homens rousseauianos.

Após ter sido exposta a pedagogia rousseauiana no *Emílio*, trouxemos algumas considerações para o nosso momento presente. Comparamos a educação emiliana com a nossa educação brasileira atual. Hoje enfrentamos vários problemas no nosso processo educativo e fizemos algumas observações para reflexão. Entre os problemas enfrentados atualmente, podemos citar alguns, como por exemplo:

1. Os problemas financeiros para poder educar nossas crianças e jovens. Hoje em dia, a educação pública das creches e escolas é muito ruim, tem poucos benefícios e fica destinada à classe pobre e miserável da sociedade. Há exceções certamente, mas fizemos uma consideração geral. Por isso, temos que ter reservas financeiras bem generosas para poder investir durante um grande período de tempo na educação das crianças e jovens.
2. Os problemas institucionais das instituições de ensino do país. Há uma crise do poder público e a liberação de verbas básicas é cada vez mais difícil, demorada e burocrática. Sempre existiram problemas nas instituições de ensino, mas atualmente,

eles se agravaram devido ao aumento da corrupção no país. Ontem as instituições viviam um cotidiano regular, hoje a realidade está preocupante, como serão as instituições daqui a vinte, trinta ou quarenta anos? Há também as instituições privadas que enfrentam problemas financeiros para conseguir se manter no mercado que está cada vez mais competitivo e engole aqueles que não estiverem preparados para enfrentá-lo.

3. Os problemas familiares das crianças e jovens. Por um lado, algumas crianças e jovens não conhecem suas famílias ou foram abandonadas nas ruas ou foram colocadas em orfanatos. Como tais indivíduos serão motivados à se instruírem vivendo esse tipo de realidade? Por outro lado, há os que têm famílias, mas vivem uma realidade tão desgastada, perigosa e sem condições básicas que não têm nenhum estímulo para se lançarem no processo de aprendizagem. O que é bastante compreensível. Entretanto, há ainda os que têm as famílias reconstituídas, as novas famílias modernas. Esses últimos são mais estimulados para obterem educação, porém têm os problemas de convívio social e psicológico com os membros das novas famílias. Os referidos problemas serão prioritários a serem tratados, pois eles, certamente, influenciarão na educação dos indivíduos. Enfim, há também os que têm as famílias tradicionais, que são os indivíduos mais raros que achamos e que dispõem de maior motivação para se instruírem. Porém, entre tais crianças e jovens, também encontraremos problemas de relacionamento, pedagógicos e conseqüentemente de aprendizagem, o que é o esperado em todas as famílias vistas aqui.
4. Os problemas sociais da nossa sociedade. Como foi levemente abordado no item três, temos as diferenças sociais presentes na nossa sociedade. Temos a classe dominante e a classe dominada que convivem diariamente e devemos ter bastante habilidade para poder tratar das diferenças que eles vivenciam para que o processo de aprendizagem

seja interessante e motivante para ambos. O que não é um processo simples, visto que cada classe tem o seu centro de interesse focado em um fim.

Além do texto que foi parte do capítulo do nosso trabalho, consideramos acima mais alguns pontos que lidamos no nosso mundo atual que influenciam na aprendizagem dos indivíduos dos nossos dias. A educação tem um papel central no nosso mundo, mas as dificuldades encontradas são alguns obstáculos que temos que lidar inteligentemente no nosso cotidiano. Devemos ponderar todos os aspectos para poder cumprir com o importante papel de educador atual.

Enfim, terminamos o trabalho levantando a questão do papel da liberdade no processo educacional. No capítulo quatro, levantamos várias questões onde a liberdade dependia da educação e a educação também dependia da liberdade. Tivemos questionamentos e situações que nos motivaram a pensar sobre dois aspectos tão cruciais e estudados antigamente e que ainda hoje, na atualidade, são objetos de estudo e debates. A questão da liberdade é essencial nas nossas vidas e fez parte do pensamento de Rousseau em várias de suas obras. No nosso trabalho somente tratamos a liberdade como o fato de ser livre. Não consideramos os outros aspectos de liberdade segundo Rousseau, que são vários. Tanto a liberdade quanto a educação são vitais na vida do indivíduo, não podemos considerar uma sem a outra. O indivíduo tem o direito a educação e também tem o direito de ser livre. Acreditamos que a liberdade é algo inquestionável e indubitável na vida de qualquer ser humano. Todo os seres humanos devem e querem ser livres para pensar, amar, agir e falar. Só o indivíduo livre pode ser feliz. A educação deve ser de livre escolha do ser humano também, afinal quem tem certeza que o indivíduo que não possui educação é infeliz? O referido desconhecedor da educação pode ser feliz no mundo dele também. Por que não? Sabemos que há questionamentos a respeito, mas também devemos aceitar que tal possibilidade existe. Os educadores acreditam que a

educação é uma chave que abre o mundo ao ser humano. Isso é uma verdade, os indivíduos descobrem que o mundo possui muitas portas a serem abertas e à partir delas, muitos mundos a serem descobertos quando eles estão de posse da chave da educação. Porém há aqueles que não desejam aprender, que têm dificuldades para tal, que não se interessam, pois a vida deles já é feliz da forma “ignorante” que vivem. Quem pode questionar ou estipular a felicidade de cada um? Os “ignorantes” também são felizes da forma desconhecedora que eles adquiriram para viver.

Por outro lado, concluímos confiantes que a educação é de suma importância nas nossas vidas. Afinal, os grandes homens são homens educados na nossa sociedade. Há a grande exceção como o nosso atual presidente, que não é um homem educado e é um grande homem. Entretanto, sempre encontraremos exceções, isso faz parte da vida.

Porém, achamos que a liberdade e, principalmente, a felicidade é o sentimento ou a sensação que mais se busca nos nossos caminhos que trilhamos ao longo da vida. Quando possuímos a educação e a liberdade, as duas juntas, e somos felizes, podemos dizer que o indivíduo vive em êxtase. Afinal, todas as suas necessidades são supridas e encontramos a felicidade plena quando a educação e a liberdade fazem parte da nossa vida. Entretanto, se só possuímos uma delas, mas também somos felizes, por que complicar a vida? Há pessoas que são felizes e educadas e há também aquelas que são livres e felizes.

Retomando a idéia do homem da nossa pesquisa, na nossa sociedade, podemos afirmar que há vários tipos de homens selvagens e homens civilizados espalhados. Uns livres e outros não, uns educados e outros não, mas o que importa é o bom convívio entre eles e que estejam felizes. Afinal, de que adianta a educação, a liberdade ou qualquer outro atributo se não temos o principal, que é a felicidade?

Finalizamos o trabalho com uma citação de Rousseau, onde ele fala da eficácia do seu método de educação e da sua excelência no ato mais apreciado do mundo, que é o educar.

Comprovamos aí, mais uma vez, que o método criado por ele era completo, pois ele pensou em todas as situações que os educadores passam para educar:

Quando meu método dá conta de todos os aspectos de um objeto e quando, reparando um inconveniente, ele previne um outro, julgo então que ele é bom e que estou certo. É isso que acredito observar na experiência que ele me sugere agora. Se eu quiser ser austero e seco com meu discípulo, perderei sua confiança e logo ele se esconderá de mim. Se eu quiser ser complacente, fácil, ou fechar os olhos, de que servirá que ele esteja sob minha vigilância? Não farei mais do que autorizar sua desordem e consolar sua consciência à custa da minha. Se eu o introduzir no mundo com o único objetivo de instruí-lo, instruir-se-á mais do que quero. Se eu o mantiver afastado do mundo até o fim, que terá aprendido comigo? Tudo, talvez, exceto a arte mais necessária ao homem e ao cidadão, que é saber viver com seus semelhantes. Se conferir a seus cuidados uma utilidade bastante distante demais, ela será como que nula, pois ele só se importa com o presente. Se eu me contentar com lhe fornecer diversões, que bem lhe farei? Ele se amolecerá e nada aprenderá. Nada disso. Só meu recurso resolve tudo. (*Emílio*, livro IV, p. 472-473)

BIBLIOGRAFIA

- ATKINSON, G.** *Le sentiment de la nature et le retour à la vie simple*. Paris: Minard, 1960.
- BESSE, G.** *Jean-Jacques Rousseau l'apprentissage de l'humanité*. Paris: Editions Sociales, 1988.
- DENT, N.J.H.** *Dicionário Rousseau*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- GLIOZZI, G.** *Rousseau: Mythe du bom Sauvage ou critique du mythe des origines?* Paris: Presses de l'Université de Paris – Sorbonne, 1989.
- GOUGES, O.** “Déclarations des droits de la femme et de la citoyenne”. IN: *Bibliothèque Jeanne Hersch. Textes fondateurs*. http://www.aidh.org/Biblio/Text_fondat/FR_03.htm.
- GRELL, C.** *Pensée de Rousseau*. Paris: Éditions du Seuil, 1984.
- LE GOFF, J.P.** *Émile entre l'enfant de nature et le citoyen*. Paris: Presses de l'Université de Paris – Sorbonne, 1989.
- MARCONDES, D.** *Textos Básicos de Filosofia dos Pré-Socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- ROUSSEAU, J.J.** *O Contrato Social*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____ *Emílio ou Da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____ *Oeuvres Complètes*. Paris: Éditions du Seuil, 1967.
- SHKLAR, J.N.** *Men and Citizens : a Study of Rousseau's Social Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- TOUCHEFEU, Y.** *Le Sauvage et Le Citoyen – Le Mythe des origins dans le système de Rousseau*. Paris: Presses de l'Université de Paris – Sorbonne, 1989.

ZAHONERO, L.A., LIRIA, C.F. e LIRIA, P.F. *Educación para la Ciudadanía – Democracia, Capitalismo y Estado de Derecho.* Madrid: Ediciones Akal, 2007.